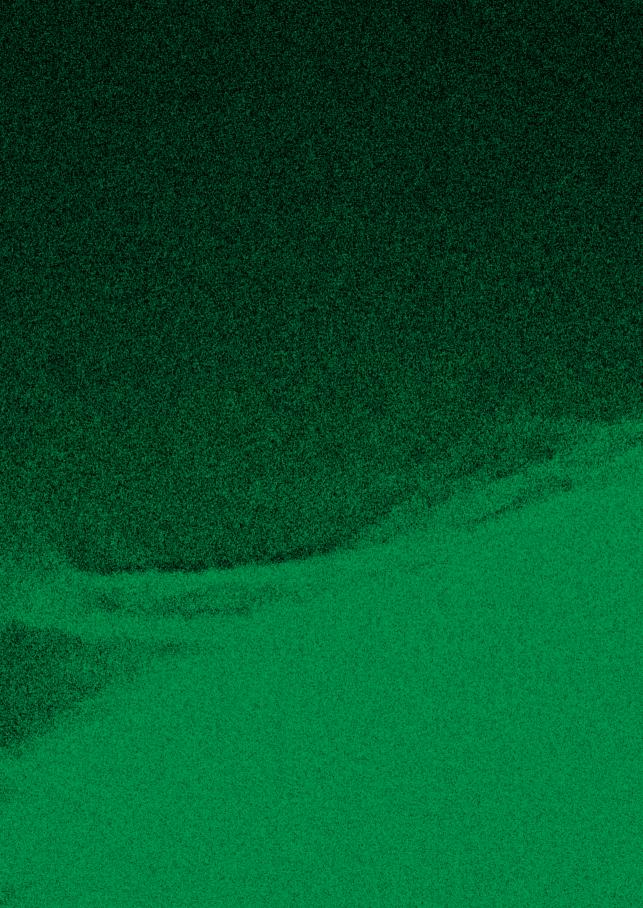
Ana M. S. Bettencourt & Manuel Santos-Estévez

eografia ágica do ite o São Silvestre através daArte Rupestre

Landscapes Coleção Heritage & Paisagens Territory Património & Collection Território





Ana M. S. Bettencourt & Manuel Santos-Estévez

5	Introdução
8	Objetivos e metodologia de trabalho Objetivos Metodologia
12	O Monte de São Silvestre Aspectos físicos e ambientais Breve historial
20 22 23 40 44 48 52 58 61 64 67 72 75	Lugares gravados Inventário Breia 1 Breia 2 Breia 3 Breia 4 Breia 5 Breia 6 Breia 7 Breia 8 Breia 9 Breia 10 Breia 11
78	Lugares gravados no espaço e no tempo
86	Das grafias às interpretações
92	Bibliografia

Introdução

A existência de arte rupestre no Monte de São Silvestre foi descoberta, em 1999, quando Francisco Queiroga identifica e inventaria, no lugar da Breia, um afloramento gravado, no âmbito de trabalhos relacionados com a projeto deavaliação e minimização de impactos da IC28, sublanço Viana do Castelo – Nó de Nogueira (Queiroga, 1999). Este lugar, que se encontrava em parcialmente soterrado, foi alvo de limpeza com o objetivo de pôr a descoberto a área gravada. Trata-se do sítio arqueológico a que foi dado, no Portal do Arqueólogo, o CNS 13508.

No decorrer dos referidos trabalhos foi efetuado um decalque das gravuras, realizado por Francisco Queiroga e Filipe Antunes, então funcionário do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga, local onde veio a ser reproduzido, em 2007, com vista à sua integração na Sala de Pré-história deste museu.

Apesar destas iniciativas os resultados deste estudo não foram publicados na época. Apenas em 2005, e com a devida autorização de Francisco Queiroga, um dos autores deste trabalho publica uma breve descrição deste afloramento gravado, acompanhada de algumas fotografias (Bettencourt, 2005). Posteriormente, em 2008, Almeida publicado o decalque, sem qualquer descrição científica e sem referências ao historial do local. Só em 2013, a Breia volta a ser referida, desta vez de forma pormenorizada (Bettencourt, 2013a).

Nessa publicação dão-se a conhecer mais dois afloramentos gravados, entretanto encontrados nas imediações do primeiro, no âmbito do projeto *Espaços Naturais, Arquitecturas, Arte Rupestre e Deposições da Pré-História Recente da Fachada Ocidental do Centro-Norte Português: das Acções aos Significados* – ENARDAS (ref. PTDC/HIS-ARQ/112983/2009), pelo que o primeiro afloramento gravado a ser descoberto passou a designar-se Breia 1 e os novos, Breia 2 e Breia 3. No contexto do Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste (CVARN) estes três *loci* foram referenciados de novo (Bettencourt, 2014a, 2014b; 2014c), tendo-se verificado algumas atualizações ao texto de 2013.

Em 2015, a Breia 1 é considerada passível de valorização turística e integrada numa dissertação de mestrado que propõe a criação de uma Rota de Arte Rupestre para o Vale do Lima (Sá, 2015). Apesar de todas estas referências e do reconhecimento da importância da arte rupestre deste espaço, a Breia 1 foi-se soterrando de novo, devido ao transporte de sedimentos trazidos pelos cursos de água que aqui correm abundantemente, durante o inverno.

No final de 2016, dois aficionados galegos de arqueologia, Cándido Verde e José Alvarez, na sequência de um incêndio ocorrido no Monte de São Silvestre, descobriram outros seis afloramentos gravados nesta área, um deles em estado avançado de degradação. Este achado foi comunicado a um dos autores deste texto (AMSB) que, de imediato, o transmitiu aos Serviços de Arqueologia da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Em fevereiro de 2017 dá-se uma visita oficial ao local, tendo as gravuras da Breia 4, 5, 6, 7, 8 e 9 sido inventariadas na altura. Nesse momento os autores assumem o compromisso do seu estudo e, em maio do mesmo ano, dão-se as primeiras conversações com o presidente da União de Freguesias de Cardielos e Serreleis para preparação dos trabalhos que se concretizaram em junho e julho. Estes foram desenvolvidos no âmbito dos projetos *Paisagem e Representação do Poder na Pré-história Recente: Arte Atlântica e Estátuas-Menir* (PARES) (referência SFRH/BPD/93700/2013) e *Arte Rupestre do Noroeste da Ibéria. Liminaridade e Heterotopia* (referência SFRH/BSAB/114296/2016), com o apoio do Departamento de História da Universidade do Minho, do Laboratório de Paisagens, Património e Território – Lab2PT, da União de Freguesias de Cardielos e Serreleis e do Centro Social e Cultural da Paróquia de Cardielos.

Objetivos e metodologia de trabalho



Objetivos

Os objetivos que nortearam esta investigação foram vários: ampliar o conhecimento da arte rupestre do Alto Minho, concretamente a do concelho de Viana do Castelo e, em especial, a do Monte de São Silvestre; interpretar em termos cronológico-culturais, as diferentes gramáticas estilísticas existentes nos afloramentos gravados; articular as diferentes grafias com o meio físico onde estão inseridas e selecionar alguns destes conjuntos rupestres para valorização turística.

Metodologia

Os trabalhos começaram com a investigação de gabinete com vista à recolha de informação cartográfica e documental sobre a área em estudo – o Monte de São Silvestre, nomeadamente sobre as suas características físicas e ambientais, assim como a sua importância arqueológica, ao longo dos tempos. A esta etapa seguiu-se a visita aos locais gravados conhecidos e a prospecção arqueológica da sua área envolvente, com as condicionantes naturalmente impostas por uma vegetação arbustiva e arbórea densa mas que mesmo assim, possibilitaram encontrar dois novos afloramentos gravados, além de outros sítios arqueológicos.

O estudo detalhado dos afloramentos gravados passou pelas seguintes etapas: desmatação da vegetação em redor das gravuras; remoção de blocos graníticos partidos que se encontravam sobre alguns afloramentos gravados, resultantes de antigos trabalhos de extração de pedra; limpeza de terras humosas ou de aterros existentes sobre eles; limpeza de líquenes e musgos presentes nos afloramentos, a seco, e com materiais não agressivos (pás e espátulas de madeira, vários tipos de escovas, vassouras, pincéis, etc.); registo fotográfico da envolvente, do afloramento e das diferentes fases de trabalho; registo fotográfico pormenorizado dos motivos gravados, diurno (a diversas horas do dia) e noturno (com luz artificial) e levantamento tridimensional do afloramento gravado e dos motivos, através de fotogrametria. Tendo em conta o elevado número de gravuras a estudar num curto espaço de tempo (20 dias úteis), não se realizaram decalques diretos sobre plástico polivinilo. No caso da Breia 5, o estado de degradação do granito, provocado pelo incêndio que ocorreu no local, não possibilitava qualquer forma de registo que implicasse contacto direto com a sua superfície.

A fotogrametria teve a vantagem de possibilitar a criação de modelos tridimensionais dos afloramentos de forma rápida e pormenorizada, assim como dos motivos gravados. Deve acrescentar-se que o processo de registo fotogramétrico é produzido

OBJETIVOS E METODOLOGIA DE TRABALHO

de forma automática, pelo que a interpretação do arqueólogo não influi no resultado, embora seja determinante na sua interpretação.

A fotogrametria fez-se através de dois programas informáticos. O primeiro foi o *Agisoft Photoscan*, que permitiu realizar um registo tridimensional dos afloramentos e motivos aí gravados. O segundo foi o *Meshlab*, que possibilitou trabalhar o modelo tridimensional efetuado no primeiro programa, por forma a torná-lo mais visível. Esta combinação de programas permite a visualização de gravuras invisíveis macroscopicamente, assim como o registo da superficie gravada de forma objetiva. Quando os motivos gravados se encontravam muito erodidos, foi necessário realizar levantamentos fotogramétricos de pormenor.

Cada sítio arqueológico inventariado foi localizado através de coordenadas geográficas sexagesimais, no sistema WGS 84, e contextualizado em termos físicos e arqueológicos. Foram descritos os afloramentos, bem como os motivos aí gravados.

Por vezes, foi necessário dividir os afloramentos em vários painéis gravados, usando-se como critério de divisão, pormenores do afloramento e ou agrupamentos de motivos. Estes foram descritos em termos da sua morfologia e das suas técnicas de fabrico, bem como da sua distribuição no espaço gravado. Foi dada especial atenção a aspetos relacionados com a sua maior ou menor visualização por parte de uma eventual audiência.

O Monte de São Silvestre



Fig. 1 – Vertente este e cume do Monte de São Silvestre a partir do seu patamar altimétrico dos 60 m.



Aspectos físicos e ambientais

O Monte de São Silvestre localiza-se na união de freguesias de Cardielos e de Serreleis, pertencentes ao concelho e distrito de Viana do Castelo, no Noroeste de Portugal.

Corresponde a um esporão sul da Serra de Perre, que se destaca desta, pela existência de uma portela de baixa altitude. Essa é uma das razões pelo qual tem grande impacto visual no meio envolvente, principalmente se visto de oeste, de sul e de este. De salientar que, a partir de determinada cota, as suas vertentes íngremes e pedregosas, até ao topo, contribuem para a sua impressividade [Fig. 1].

São Silvestre está situado na margem norte da bacia fluvial do rio Lima, a cerca de 18 km da sua foz, no oceano atlântico, embora sobranceiro, pelos lados nordeste, este, sudeste e sul, à ribeira de Nogueira, afluente do Lima [Fig. 2].

Segundo a Carta Geológica de Portugal, nº 5 A-2, na escala 1/50.000 e sua respetiva notícia explicativa (Teixeira *et al.*, 1972) as vertentes nordeste, este, sudeste e sul do Monte de São Silvestre são em granito alcalino de grão médio ou fino a médio que aflora em inúmeros caos de blocos, por vezes formando pequenos abrigos. O topo das vertentes norte e oeste, são igualmente, em granito alcalino de grão médio ou fino a médio, dando lugar a rochas silúricas metamorfizadas, nomeadamente ao complexo xisto-granítico, a meio e na base destas vertentes. Na base da vertente este ocorrem, de novo, rochas silúricas metamorfizadas, como corneanas, xistos andaluzíticos, xistos granatíferos e xistos-luzentes, onde são recorrentes minerações de estanho. Em toda esta área há inúmeros recursos de estanho quer em jazidas primárias quer nas

O MONTE DE SÃO SILVESTRE

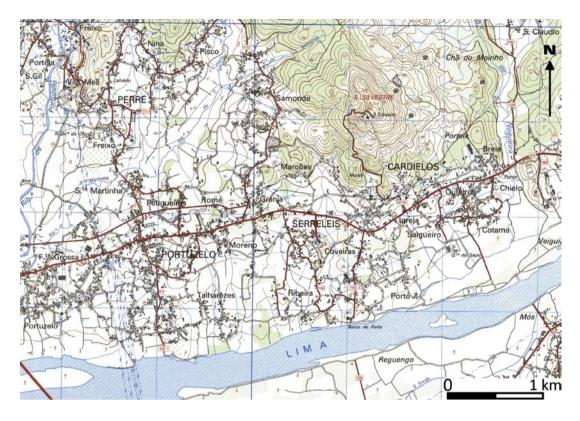


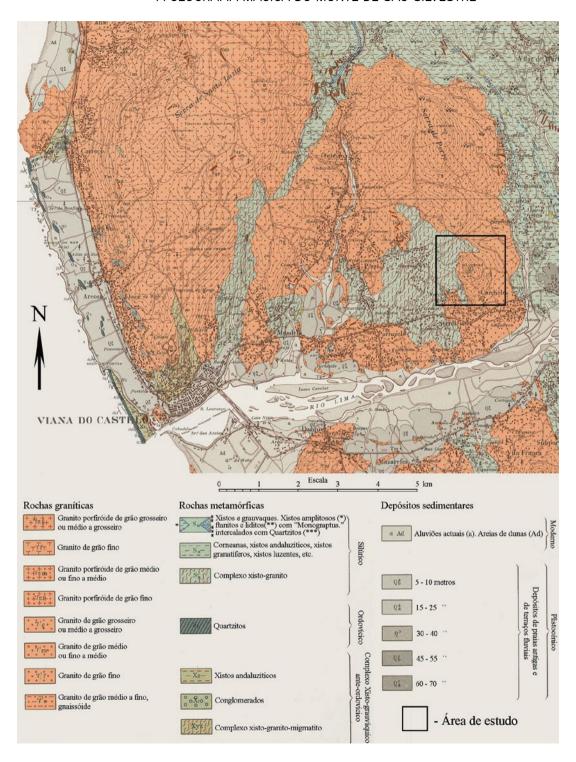
Fig. 2 – Localização do Monte de São Silvestre no curso inferior da bacia do Lima tendo por base a Carta Militar de Portugal, folha nº 40, na escala 1/25.000 (IGEO).

aluviões da ribeira de Nogueira. De notar que, em meados do séc. XX, houve inúmeras explorações mineiras de estanho, ouro e prata, no Monte do Folgadoiro, a escassos quilómetros de São Silvestre, e no Alto da Bouça da Breia, ambos na freguesia vizinha de Nogueira (Alves e Leal Gomes, 2015) [Fig. 3].

A ribeira de Nogueira, delimita o Monte de São Silvestre pelos seus lados, nordeste, este e sudeste. No topo da vertente este existe uma importante nascente de grande caudal, a que popularmente se dá o nome da Fonte dos Cinco Sobreiros, e à qual se associa uma Moura Encantada. Era neste local que paravam as pessoas e os animais (principalmente o gado bovino) que, de longe (de várias freguesias de Ponte de Lima e de Viana do Castelo), vinham para a romaria de São Silvestre, a 30 e 31 do mês de dezembro.

Se, ainda na primeira metade do século XX, os patamares mais irrigados deste monte eram usados para a pastorícia, hoje, encontram-se profusamente cobertos com vegetação arbórea exógena, principalmente eucaliptos, no meio dos quais se notam alguns pinheiros e raríssimos carvalhos. As arbustivas, compostas por giestas e tojos são abundantes. Desde cedo que o monte foi local de extração manual de pedra embora o maior problema seja a pedreira atual que existe na sua vertente nordeste.

 Foram descobertos no âmbito dos trabalhos de prospeção arqueológica, realizados em julho de 2017.



Breve historial

Fig. 3 – Localização da área de trabalho sobre a Carta Geológica de Portugal, nº 5 A-2, na escala 1/50.000





Fig. 4 - Abrigos 1 e 2 da Breia. Abrigo 1 (em cima) e abrigo 2 (em baixo). Escalas de 50 cm e de 1 m.

- 2. A classificação desta estrutura como monumento de tradição megalítica (monumento sob tumulus da Breia) deve fazer-se com precaução devido ao facto de, nesta área terem existido explorações de estanho a céu aberto que podem ter provocado estruturas similares a estes monumentos, se realizadas em forma de poço.
- 5. Almeida (1990)
 distinguiu o Castro
 da Terronha do Castro
 do Monte ou de Cardielos,
 que fica num esporão
 um pouco mais elevado
 do que o primeiro.
 Segundo Queiroga
 (2000) serão
 patamares diferentes
 do mesmo povoado.

O Monte de São Silvestre foi povoado deste a Pré-história Recente, momento em que, na base da sua vertente este terá sido construído um monumento sepulcral megalítico, segundo a tradição oral. Conhecem-se, ainda, dois pequenos abrigos graníticos com evidências de antropização: os abrigos 1 e 2 da Breia, localizados no lugar da Portela, no limite de um patamar, a meio da vertente este-sudeste ¹.Tratam-se de pequenos abrigos existentes no seio de um caos de blocos graníticos de alguma imponência, com profundidades que variam entre os 2,5 m e os 2,4 m, no sentido sul-norte, larguras entre os 2,3 m e os 2 m, no sentido este-oeste, e altura máxima entre 1 m a 1,3 m [Fig. 4]. São virados para su-sudeste e apresentam vestígios de alinhamentos pétreos à entrada, disposto no sentido oeste-nordeste e oeste-este, efetuados com pequenas pequenos blocos e seixos. Conservam, ainda, alguns sedimentos no seu interior, embora não se registem artefactos de qualquer tipo. Da área em frente dos abrigos é visível, para este e sul, o vale do rio Lima e para sudoeste as vertente íngremes do Monte de São Silvestre. A visibilidade para os restantes pontos cardeais é fechada. Pela sua proximidade com algumas gravuras rupestres poderão, eventualmente, ser de origem pré-histórica.

Num patamar bem irrigado e com lameiros, a meio da vertente nordeste do Monte de São Silvestre foi descoberto o que poderá ser um monumento de tradição megalítica. É composto por um montículo de contorno sensivelmente circular, com 5,6 m no sentido norte-sul, 4,6 m no sentido este-oeste e cerca de 30 cm de altura. Foi construído com seixos angulosos graníticos e com seixos angulosos de quartzo branco, matérias que existem nas imediações. A este-sudeste desta estrutura observa-se uma maior desagregação dos seixos e blocos que a constituem devido ao recente manuseamento do terreno. Na zona norte, noroeste e sul a couraça encontra-se, ainda, imbricada. A estrutura apresenta, também, uma depressão na parte central².

Além dos sítios referidos conhecem-se, ainda, dois povoados proto-históricos: o castro de São Silvestre (Paço e Quesado, 1956; Neves, 1965; Almeida, 1990), localizado genericamente no topo do monte, onde decorrem escavações arqueológicas da responsabilidade do Gabinete de Arqueologia do Município de Viana do Castelo, no âmbito do *Projeto de Investigação do Castro de São Silvestre de Cardielos – PIPA/2014*, e o castro da Terronha⁵, na vertente sul. Este último foi escavado parcialmente, por Francisco Queiroga, no âmbito do projeto de avaliação e minimização de impactos da IC28, sublanço Viana do Castelo – Nó de Nogueira (Queiroga, 2000), tendo sido alvo de publicações recentes (Oliveira, 2018, no prelo) que dão conta de ocupações da Idade do Ferro Recente e dos inícios da romanização.

Posteriormente o monte foi cristianizado no início da vertente sul, com a edificação de uma primeira capela, algures entre os séculos XIV e XVI, em honra de São Silvestre, um santo taumaturgo e terapeuta com festas que se inscrevem no modelo de clericalização defendido por Costa e Costa (1999). Diversos arranjos têm sido ali efetuados, nomeadamente um parque de merendas e um escadório, datando a capela atual do séc. XVIII.

Lugares gravados



Inventário

Foram inventariados e estudados um conjunto de onze afloramentos graníticos com gravuras rupestres, distribuídos pelas vertentes este e este-sudeste do monte. Estes foram designados pelo topónimo Breia, dada a dificuldade em conhecer a microtoponímia de todos os locais gravados.

Cada *locus* gravado foi inventariado em termos administrativos e georreferenciado através de coordenadas sexagesimais, no sistema WGS84. Posteriormente, foram contextualizados em termos físicos e ambientais. De seguida, passou-se à descrição geológica e morfológica das superfícies gravadas, a que se seguiu a identificação e descrição de painéis, quando existiam, e a descrição dos motivos em cada painel. Os aspectos técnicos também foram tidos em consideração.

Por fim identificaram-se os estilos, o estado de conservação dos *loci* gravados e as suas condições de acesso.

Como Arte Atlântica, foram apenas consideradas as composições circulares, interligadas ou não por sulcos ondulantes, ou seja, o que normalmente se designa por Arte Atlântica Clássica (Alves, 2003), numa conceção restrita deste estilo, adotada por Bettencourt (2017a; 2017b). Os restantes foram incluídos no que aqui se designa por imagética figurativa, designação provisória para o conjunto de motivos que se afastam da gramática abstrata.

Breia 1



Fig. 5 - Breia 1 antes do trabalhos desenvolvidos em 2017. Ao fundo, os relevos da margem sul do rio Lima. Fotografia tirada em 2016.

Localização administrativa Lugar da Portela – União de Freguesias de Cardielos e Serreleis, município de

Viana do Castelo.

Localização geográfica
N 41º 43' 18,2"; W 8º 44' 59,8'
(coordenadas sexagesimais

Lendas associadas Não.

do sistema WGS84)

Altitude: c. de 54 m.

Cristianização do lugar Sim.

Estado de conservação Razoável, no geral, mas com áreas muito erodidas e com estalamentos antigos.

Acesso

Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima, sair para Nogueira (saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e virar à direita no caminho de terra batida. encontrando-se a Breia 1 a cerca de 100 m do lado direito. junto da rede que delimita a autoestrada.

Fig. 6 - Breia 1 durante os trabalhos de limpeza, em 2017. Ao fundo, a Serra de Arga.



Localização física e ambiental

Localiza-se num patamar na base da vertente este-sudeste do Monte de São Silvestre, sobranceiro a um curso de água intermitente que vai desaguar à ribeira de Nogueira, afluente do Lima. Trata-se, ainda, de uma área profusamente irrigada pelos cursos de água intermitentes que se formam nas partes altas do monte, sendo frequente que o afloramento gravado fique inundado [Fig. 5].

Trata-se de uma área com substrato geológico granítico onde ocorrem, também, diversos veios de quartzo leitoso. Nas proximidades, encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho e de ouro, nomeadamente nas aluviões da ribeira de Nogueira e no Monte da Folgadoira, mais a montante, onde nasce a referida ribeira. O estanho e o ouro também existem na aba nascente da Serra de Perre.

O solo, com escassa profundidade, é extremamente pedregoso, com diversos afloramentos pouco elevados. A vegetação atual é predominantemente herbácea e arbustiva mas existem alguns eucaliptos e pinheiros nas imediações.

A área foi usada para pastoreio até ao séc. XX. A existência de um moinho de vento, em ruina, nas proximidades da Breia 1, indica que este foi local de moagem e muito frequentado pelas populações vizinhas.

No que diz respeito à visibilidade a partir do Breia 1, para sul visualizam-se os vales de Nogueira e do Lima e os relevos da margem sul deste rio, nomeadamente o Alto do Castelo, um monte cónico existente nas freguesias de Santa Maria de Geráz do Lima e da Facha; para este e nordeste vê-se a Serra d'Arga; para norte avista-se a pequena colina no topo da qual se edificou o moinho; para noroeste e oeste vêm-se as vertentes íngremes e pedregosas

do Monte de São Silvestre e para sudoeste um pequeno outeiro pedregoso, muitoalterado pela construção do caminho que o cortou e que dá acesso às gravuras.

Descrição do afloramento gravado

Afloramento granítico de grão médio, de grandes dimensões, com 16,40 m de comprimento na direção este-oeste e 11,8 m de largura, na direção norte-sul. É rasante ao solo, de cor esbranquiçada, com manchas negras provocadas pela ação do fogo sobre os líquenes impregnados. Tem, ainda, algumas manchas alaranjadas, possivelmente relacionadas com a presença de pequenos nódulos de ferro oxidado. Apresenta diaclases que se orientam de este para oeste e um veio pegmatítico. Nalguns locais este afloramento encontra-se fraturado devido à extração manual de pedra [Fig. 6].

Historial

Foi descoberta por Francisco Queiroga, em 1998, no âmbito dos trabalhos relacionados com a minimização de impactos da IC28, sublanço Viana do Castelo – Nó de Nogueira (Queiroga, 1999) e registada no Portal do Arqueólogo com o CNS 13508. Em 2005 foi parcialmente descrito por Bettencourt (2005) e em 2007 o decalque, realizado no âmbito dos trabalhos de Queiroga, passou a constar na Sala de Pré-história da Exposição Permanente do Museu D. Diogo de Sousa. Em 2013, a Breia 1 foi publicada com mais pormenor, tendo por base o decalque realizado e observações realizadas no local (Bettencourt, 2013a). Em julho de 2017 verificou-se nova limpeza do local e foram postas a descoberto novas áreas do afloramento gravado que possibilitaram o seu levantamento fotogramétrico.

Descrição das gravuras e de painéis

O afloramento é profusamente gravado com Arte Atlântica e outros motivos de diversas cronologias. Após os trabalhos realizados em 2017 e que que possibilitaram a descoberta de novas áreas gravadas, foi subdividido em sete painéis [Figs. 7 e 8], mais três do que os quatro anteriormente descritos por Bettencourt (2013a).

O painel 1, de contorno triangular, com 3,55 m no sentido este-oeste, e 3,05 m no sentido norte-sul, localiza-se a nordeste do afloramento, na área mais elevada e delimita-se dos restantes por duas pequenas diaclases. Apresenta uma densa teia de motivos circulares, unidos por linhas sinuosas que parecem estar em conexão com uma figura "idoliforme". Esta tem um contorno grosseiramente trapezoidal com a parte superior arredondada, fazendo lembrar uma figura antropomórfica e é segmentada no interior. Na parte inferior apresenta um círculo concêntrico com covinha, a partir do qual sai uma linha sinuosa que "unifica" este painel" (Bettencourt, 2013a: 208). A maioria dos motivos circulares são círculos concêntricos, todos com covinha central

e de diferentes dimensões. Um deles, tem a particularidade de apresentar várias covinhas, mais ou menos equidistantes, entre o penúltimo e o último aro. De alguns destes motivos, saem pequenos sulcos curvos que se dirigem para diaclases ou para a extremidade do afloramento. Há a registar um pequeno círculo concêntrico de duas voltas ao qual se anexou um sulco curvo que transformou o motivo original numa espiral. É de salientar, ainda, a presença de um círculo simples com covinha central e de emaranhados de sulcos curvos que formam uma composição difícil de descrever, e de onde partem sulcos que a interligam com círculos concêntricos e com o sulco que sai diretamente do "idoliforme". Dois sulcos meadriformes isolados, com espessamento numa das extremidades, localizados na extremidade norte e perto do círculo simples, podem considerar-se serpentiformes [Fig. 9].

De um lado e do outro do sulco que liga o idoliforme a um círculo concêntrico, na base deste painel, surgem, isolados, quatro equídeos esquemáticas que se orientam para nascente. Por cima do sulco, há um equídeo representado de forma mais estática do que os restantes, tendo as orelhas bem salientes. Está montado com um cavaleiro que se apresenta em perspetiva torcida e com os braços abertos. Nas sua imediações ocorre um novo equídeo, com representação distinta do anterior, e onde existem, apenas, dois membros gravados que têm a particularidade de se adossarem ao sulco. Os dois equídeos gravados abaixo do sulco, pela posição das caudas, da curvatura do dorso e dos membros posteriores, indiciam maior movimento. Pelo menos um está montado. Um outro quadrúpede esquemático, talvez um veado com as hastes entrelaçadas, localiza-se a norte deste painel, tendo o seu dorso sido aproveitado como segmento de um círculo segmentado [Fig. 9].

Em termos técnicos este painel é muito curioso pelo facto de mostrar motivos similares com diferentes profundidades, apesar da técnica de execução ser a mesma: a percussão seguida de abrasão. Tal é o caso de algumas composições circulares muito pouco profundas ao lado de outras que parecem ter sido retocadas. Há também adições, como o caso do círculo concêntrico que se transforma em espiral e sobreposições. Estas são nítidas por baixo do reticulado que preenche o idoliforme, assim como por baixo do círculo segmentado [Fig. 9].

O painel 2, de contorno grosseiramente hexagonal, fica a oeste e a uma cota inferior ao primeiro. Tem 4,30 m no sentido este-oeste e 3,5 m no sentido norte-sul [Fig. 10]. Caracteriza-se, maioritariamente, por composições circulares, nomeadamente círculos concêntricos de diferentes dimensões, com ou sem covinha central, distribuídos de forma dispersa pelo painel. Alguns deles associam-se a sulcos que unem motivos entre si. Há, ainda, a registar pequenos círculos com covinha central, um círculo de onde sai um sulco curvo que transforma o motivo original numa oval imperfeita; um pequeno círculo com covinha que foi rodeado

por dois círculos abertos: um círculo concêntrico de onde sai um sulco ondulante e dois sulcos que se vão unir ao topo de um semicírculo concêntrico ao qual parecem ter sido adicionados dois pequenos sulcos retilíneos que "transformam" este motivo num quadrúpede com pescoco, mas sem cabeca; uma espiral sobreposta por um pequeno círculo, e pelo menos, quatro círculos segmentados (dois deles muito erodidos e já alterados por estalamentos). No canto noroeste, associando-se a uma das composições circulares mais complexas deste painel, regista-se um equídeo orientado para sudeste, com o corpo representado por traço duplo e a cabeca esbocada através de um pequeno círculo de onde saem orelhas definidas por dois pequenos sulcos. Está montado com um cavaleiro que porta uma lança em posição de arremesso e que se segura ao pescoço do cavalo através de eventuais rédeas. Por cima da lança está representada uma covinha. Esta arma parece dirigir-se para a parte inferior das composições circulares, nomeadamente para a figura de um círculo que se transformou em oval. A sudoeste deste painel ocorre outro equídeo representado de forma muito esquemática, que se dirige para norte, ou seja, em direção a um conjunto de pequenos círculos concêntricos.

Transporta um cavaleiro que arremessa, também, uma lança. A sul do painel e nas proximidades de círculos segmentados, existem, pelo menos, mais três zoomorfos. Um é um equídeo esquemático, montado com um cavaleiro cuja cabeça é definida por uma pequena covinha. Este tem os braços abertos e parece transportar algo curvo, numa das mãos. Dirige-se para noroeste.

No decorrer dos novos trabalhos foi, ainda, identificado uma figura com um cabo rematado em círculo e provido do que parecem dois dentes na extremidade oposta. Do cabo sai outro sulco rematado, igualmente, com um pequeno círculo [Fig. 10].

O terceiro e o sexto painéis localizam-se a sul do primeiro, a cota mais baixa e a este do afloramento, e correspondem a uma superficie uniforme, motivo pelo qual serão tratados de forma conjunta. O painel 6 foi individualizado apenas por questões operativas durante os trabalhos de campo, pois correspondia a uma superficie inédita face ao publicado por Bettencourt (2013a). Os dois medem 13,10 m no sentido este-oeste e 7,80 m no sentido norte-sul. Aqui podem observar-se combinações circulares, maioritariamente círculos concêntricos com covinha central, por vezes dispersas, e quadrúpedes esquemáticos.

As combinações circulares correspondem a círculos simples, a círculos com uma covinha central e a círculos concêntricos de várias voltas, com ou sem covinha central. A sul do painel destaca-se um círculo concêntrico de três voltas, com covinha central, do centro do qual sai um sulco que se "infiltra" numa diaclase. Da sua periferia saem outros sulcos. Trata-se de uma área que foi gravada e regravada, notando-se motivos muito erodidos. A oeste do painel há outro círculo concêntrico de três

voltas, da extremidade do qual sai um sulco curvo e um sulco ondulante. Os motivos figurativos correspondem a diversos quadrúpedes. Um deles, muito esquemático, mas de cauda bem pronunciada e com as patas dianteiras curvas, indicia movimento. Trata-se de um equídeo, gravado a nordeste do painel, paralelo a uma pequena diaclase como se de um caminho se tratasse. Dirige-se para nordeste. Na quadrante oeste, junto de composições circulares, um equídeo, muito esquemático, dirige-se para um círculo com covinha central. Sensivelmente a meio do painel, numa área delimitada por veios de quartzo, há vários quadrúpedes muito erodidos.

Por fim de destacar um motivo indeterminado composto por covinhas e sulcos muito profundos, cuja cronologia é difícil de determinar [Fig. 11].

No painel quatro, a oeste-sudoeste do afloramento e contíguo ao painel dois, com 5,60 m, no sentido este-oeste, por 3,25 m no sentido norte-sul, foram gravados motivos abstratos, figurativos e cruciformes associados a covinhas muito profundas. As composições circulares correspondem a círculos e semicírculos. alguns com covinha central e a círculos concêntricos. A meio do painel destaca-se um círculo concêntrico de quatro voltas, com covinha central, que foi alterado, por duas vezes, transformando-se em espiral. A primeira transformação verificou-se através de um sulcos que, saindo do centro, rodeou parcialmente o motivo original e se foi ligar a um semicírculo que rodeia um pequeno círculo concêntrico. A segunda transformação foi efetuada do mesmo modo e possibilitou que o motivo central se ligasse a outra composição circular. Em redor destes motivos parecem gravitar outros, mais pequenos, a saber: um círculo com covinha central, rodeado por um semicírculo, de onde sai um sulco curvo; um círculo aberto (?) de onde sai, também, um sulco curvo; um círculo contendo duas covinhas, de onde sai um sulco que o rodeia na quase totalidade e que parece sobrepor-se a um pequeno círculo com covinha central e apêndice; um eventual serpentiforme e diversos sulcos curvos. Na extremidade oeste do painel parece existir, também, um círculo concêntrico muito erodido.

Com exceção do serpentiforme, os restantes motivos figurativos concentram-se a oeste do painel. Aí ocorre uma composição formada, pelo menos, por dois cavaleiros. Um deles monta um cavalo semi-naturalista, gravado em baixo relevo, muito similar ao do painel 5. Enquanto agarra as rédeas com a mão esquerda, levanta, na outra, o que parece uma arma em posição de ataque, mas que pelo esquematismo não se consegue identificar. Poderá ser um bastão ou uma espada. Um outro cavaleiro, montado num cavalo muito esquemático, porta o mesmo objeto com a mesma atitude. Poderá existir, ainda, outro cavalo esquemático, entre estes dois, mas a erosão e estalamento do granito desta parte do painel dificultam a leitura. Também parece existir a parte traseira de

um equídeo semi-naturalista e de corpo definido por dois sulcos, a oeste do primeiro cavaleiro descrito, embora, mais uma vez, o estado de alteração do granito coloque problemas de interpretação.

Este espaço compositivo foi alterado por motivos de simbologia cristã, como é o caso de inúmeras cruzes latinas orientadas para diversos quadrantes e associadas, frequentemente, a covinhas profundas. Entre estes motivos, destaca-se uma cruz latina parcialmente rodeada por 11 covinhas. Foram realizadas através de pico metálico, enquanto as restantes composições foram executadas por percussão seguida de abrasão [Fig. 12].

O quinto painel, localiza-se a sudoeste do afloramento e fica entre os painéis três, quatro e sete. Separa-se do quarto painel por um filão pegmatítico e do sete por uma diaclase acentuada. A sua separação do quinto painel é algo arbitrária, tendo, apenas, na sua extremidade sudeste, uma diaclase parcial. Mede 4,30 m no sentido norte-sul, por 1,45 m no sentido este-oeste.

Aqui registaram-se diversas composições circulares dispersas, nomeadamente vários círculos concêntricos com ou sem covinha central, de diferentes dimensões e de difícil visualização devido ao seu estado de erosão. O maior tem quatro voltas. Neste painel há a destacar um equídeo naturalista, em movimento, que caminha para noroeste, paralelo a uma diaclase, como se esta simulasse um caminho. Está montado por um cavaleiro esquemático cujo tronco é definido por um sulco vertical e a cabeça por um sulco horizontal para um dos lados, como se tratasse de um tocado ou chapéu. Este animal, gravado em baixo relevo, articula-se com uma figura dúbia que ora parece um antropomorfo, ora um quadrúpde, gravada na mesma técnica. No trabalho de Bettencourt (2013a: 208) esta composição foi inserida no painel 3. De imagética cristã assinala-se uma cruz, gravada no seio de composições circulares [Fig. 13].

O sétimo e último painel, na extremidade sudeste do afloramento, é mais elevado do que os 3, 5 e 6 que lhe são contíguos. Após uma área aplanada desenvolve-se numa ligeira pendente virada a sudeste. Mede 6,30 m no sentido este-oeste por 4,20 m no sentido norte-sul. Trata-se de uma superfície com inúmeras diaclases em várias direções e afetada por extração manual de pedra. Com a exceção de um círculo, não se encontram as tradicionais composições circulares característicos da Arte Atlântica mas sim motivos figurativos. Identificaram-se dois quadrúpedes. Um deles é muito esquemático, não tem cauda e, apesar de transportar um círculo com covinha central sobre o dorso, está em posição estática. Tem orelhas ou hastes acentuadas pelo que poderá ser um cervídeo ou um equídeo numa ambiguidade intencional. Dirige-se para nordeste. É este animal que se associa a um círculo, que lhe fica a noroeste, e a um círculo ou oval segmentada que fica a sul. Esta tem os segmentos orientados para nordeste-sudoeste e para noroeste--sudeste. O outro quadrúpede, localizado sensivelmente a meio

do painel, é semi-naturalista, com representação dos membros em movimento e cauda erguida, pelo que parece ser um equídeo. Dirige-se para nascente. Sob as suas patas dianteiras existem um pequeno círculo e uma covinha. Nas suas imediações encontra-se um pé calçado, de pequenas dimensões, com a representação da sola e do tacão que se oriente para nordeste [Fig. 14].

Com exceção do cavalo central, que foi gravado em baixo relevo, todas os restantes motivos foram gravados em linha de contorno e por percussão seguida de abrasão.

Fig. 7 - Localização genérica dos painéis gravados da Breia 1.

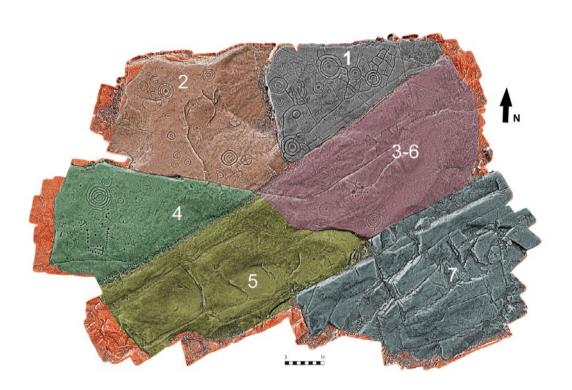
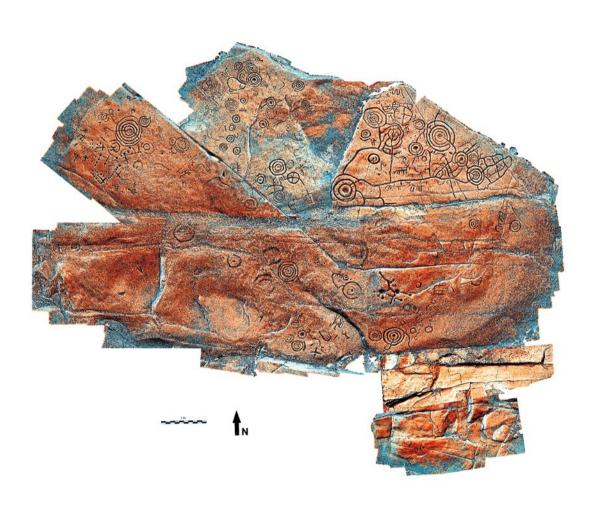


Fig. 8 - Aspecto geral do levantamento fotogramétrico da Breia 1, realizado em 2017.



LUGARES GRAVADOS: BREIA 1

Fig. 9 – Em cima: levantamento fotogramétrico do painel 1 da Breia 1. Em baixo: o mesmo levantamento pintado (escala de 1 m).







Fig. 11 – Levantamento fotogramétrico pintado dos painéis 3 e 6 da Breia 1 (escala de 1 m).



Fig. 12 - Em cima: levantamento fotogramétrico do painel 4 da Breia 1. Em baixo: o mesmo levantamento pintado.



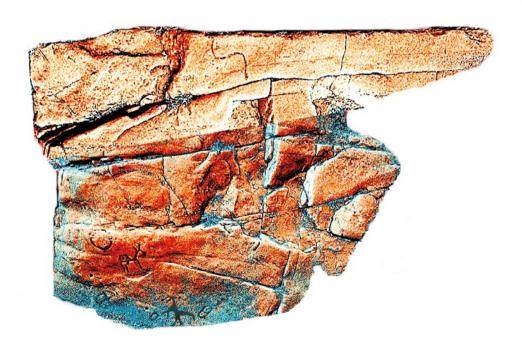
Fig. 13 - Levantamento fotogramétrico pintado do painel 5 da Breia 1.



A GEOGRAFIA MÁGICA DO MONTE DE SÃO SILVESTRE

Fig. 14 - Em cima: levantamento fotogramétrico da parte inferior do painel 7 da Breia 1. Em baixo: levantamento fotogramétrico pintado da totalidade do painel 7.





Referências bibliográficas

BETTENCOURT, A.M.S. (2005). Gravados rupestres ao aire libre do denominado "Grupo Galaico" ou do "Grupo I do Noroeste" (Norte de Portugal), *in* J. M. Hidalgo Cuñarro (coord.), *Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*, vol. 1, Vigo: Nova Galicia Edicións, S.L., 161–165.

BETTENCOURT, A.M.S. (2013a). The rock engravings of Breia, Cardielos, Viana do Castelo / As gravuras rupestres da Breia, Cardielos, Viana do Castelo, *in* A.M.S. Bettencourt. *The Prehistory of the Northwestern Portugal / A Pré-história do Noroeste de Portugal*, vol. 2, Braga/Tomar: CEIPHAR/CITCEM (E. bilingue), 207–215.



Fig. 15 - Ao centro a Breia 2, rasante ao solo, antes do início dos trabalhos de limpeza. A noroeste vê-se o Monte da Aguieira e, em último plano, a Serra de Arga.

Localização administrativa

Lugar da Portela - União de Freguesias de Cardielos e Serreleis, município de Viana do Castelo.

Localização geográfica

N 41° 43′ 18,7"; W 8° 44′ 04,3" (coordenadas sexagesimais do sistema WGS84) Altitude: c. de 63 m.

Lendas associadas Não.

Cristianização do lugar Não.

Estado de conservação Razoável.

Acesso

Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima, deve sair-se para Nogueira. Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada Rua da Breia. Após o casario do lugar deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e virar, imediatamente, à direita, por um caminho de terra batida Aí percorrer cerca de 150 m. A Breia 2 fica a cerca de 50 m, à esquerda do caminho, a poucos metros a norte da Breia 4.

Localiza-se num patamar da base da vertente sudeste do Monte de São Silvestre, sobranceiro a um curso de água intermitente que vai desaguar à ribeira de Nogueira, afluente da margem Norte do rio Lima. No entanto, durante o inverno, também corre água nas suas imediações, sendo, portanto, uma área profundamente irrigada dando origem ao crescimento de musgos que rodeiam o afloramento.

Trata-se de um local com substrato geológico granítico onde ocorrem, também, diversos veios de quartzo leitoso. Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho.

O solo apresenta uma escassa profundidade, com vegetação predominantemente herbácea. Atualmente, a utilização do terreno é florestal, tendo sido espaço de pastoreio até ao séc. XX. Também foi área de moagem, materializada pela existência, nas imediações, de um moinho de vento, em ruina.

Desde o afloramento é visível, para norte e nordeste, a Serra de Arga; para noroeste o Monte da Aguieira; para oeste a vertente íngreme e pedregosa do Monte de São Silvestre e, para este e sudeste, parte do vale do Lima e dos relevos que o acompanham nas duas margens [Fig. 15].

Historial

Foi descoberta por Ana M. S. Bettencourt e noticiada por esta autora (Bettencourt, 2013a).

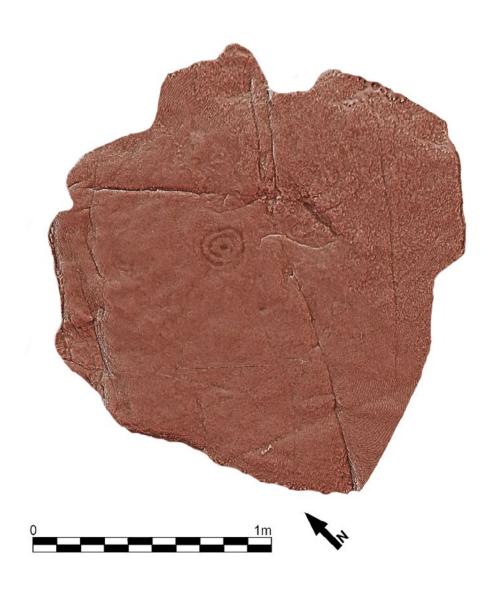
Descrição do afloramento gravado

Afloramento granítico, maioritariamente de grão médio, tendo uma pequena área de grão fino. Mede 4,8 m de comprimento no sentido norte-sul e 4,28 m de largura no sentido este-oeste. É de cor cinzenta escura, horizontalizado e ligeiramente sobrelevado em relação ao solo. É atravessado por um veio de quartzo leitoso.

Descrição das gravuras e dos painéis

O afloramento tem apenas um painel gravado. Este situa-se na sua metade noroeste, a cerca de 45 cm do veio de quartzo, no topo horizontalizado e em local onde o granito é de grão mais fino. Mede 4,80 m de comprimento, na direção norte-sul, e 1,85 m de largura, na direção este-oeste. Neste foi apenas gravado um motivo abstrato que consiste num pequeno círculo concêntrico de duas voltas com covinha central, com a particularidade da volta interior ser aberta e ligeiramente imperfeita. Mede 17 cm um diâmetro. Foi realizado através da percussão seguida de abrasão, com sulcos de secção em U e com cerca de 5 mm de profundidade. Está muito erodido. Insere-se no estilo designado por Arte Atlântica [Fig. 16].

Fig. 16 – Levantamento fotogramétrico do único painel da Breia 2. (a régua de escala sobre o afloramento tem 1 m).



LUGARES GRAVADOS: BREIA 2

Referências bibliográficas

BETTENCOURT, A.M.S. (2013a). The rock engravings of Breia, Cardielos, Viana do Castelo / As gravuras rupestres da Breia, Cardielos, Viana do Castelo, In A.M.S. Bettencourt. *The Prehistory of the Northwestern Portugal / A Pré-história do Noroeste de Portugal*, vol. 2, Braga / Tomar: CEIPHAR/CITCEM (E. bilingue), 207–215.



Fig. 17 - Breia 3 antes dos trabalhos de limpeza.

Localização administrativa Lugar da Portela - União de Freguesias de Cardielos e Serreleis, município de Viana

Localização geográfica N 41º 43' 20,1"; W 8º 44' 03,6" (coordenadas sexagesimais

do sistema WGS84); Altitude: c. de 60 m.

do Castelo.

Lendas associadas Não.

Cristianização do lugar Não.

Estado de conservação Mau. Os motivos estão muito erodidos.

Acesso

Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima, sair para Nogueira (saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e virar à direita no caminho de terra batida. Após uma descida, quando o caminho volta a subir, mais ou menos, em frente de um moinho que existe do lado direito do caminho, encontra-se a Breia 3, à esquerda do mesmo, a cerca de 20 m da berma, sob um muro de divisória de propriedade.

Fig. 18 - Painel 1 da Breia 3.



Localiza-se numa depressão na base da vertente sudeste do Monte de São Silvestre, por onde passa um curso de água intermitente, tributário da ribeira de Nogueira, afluente do Lima.

Trata-se de uma área com um substrato geológico granítico onde ocorrem, também, diversos veios de quartzo leitoso. Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho.

O solo apresenta uma escassa profundidade, com vegetação predominantemente arbustiva (tojo, giesta) e herbácea. Atualmente a utilização do terreno é florestal, tendo sido área de pastoreio, até ao séc. XX. Também foi área de moagem, existindo nas imediações um moinho de vento. em ruina.

Desde o afloramento é visível, para norte e nordeste, a Serra de Arga, para noroeste o Monte da Aguieira, no alto da Serra de Perre, para oeste a vertente pedregosa do Monte de São Silvestre e para este e sudeste os relevos da margem sul do vale do Lima.

Historial

Foi descoberta por Ana M. S. Bettencourt e noticiada por esta autora (Bettencourt, 2013a).

Descrição do afloramento gravado

Afloramento granítico de grão médio, de cor acinzentada, ligeiramente sobre-elevado do solo, com alguns veios de quartzo. Uma das superfície é aplanada e a outra tem uma ligeira pendente para sul. É atravessado por um veio de quartzo leitoso, em desintegração, que o divide a meio. Mede 5,4 m no sentido norte-sul e 5 m no sentido este-oeste. Sobre ele passa um muro de divisão de propriedade na direção noroeste-sudeste [Fig. 17].

A GEOGRAFIA MÁGICA DO MONTE DE SÃO SILVESTRE

Descrição das gravuras e dos painéis

Foram identificados dois painéis gravados neste afloramento, separados pelo referido veio de quartzo leitoso, ambos do lado sudeste do muro que lhe passa por cima.

O painel 1, situa-se na parte superior do afloramento, tendo uma pequena superfície horizontalizada e uma ligeira pendente para sul. Tem 2,40 m de comprimento, na direção nordeste-sudoeste, e 1,95 m de largura na direção este-oeste. Aqui, apenas foi gravado um motivo abstrato, que consiste num pequeno círculo concêntrico de duas voltas, disposto em torno de uma saliência convexa do afloramento. A última volta destes círculo é aberta. O motivo tem 17 cm de diâmetro e sulcos de seção em U, com cerca de 5 mm de profundidade. Trata-se de um motivo inserível na Arte Atlântica [Figs. 18 e 19].

O painel 2, situado na parte mais baixa do afloramento – a sudeste, apresenta uma ligeira pendente para sul. Tem de comprimento 3,20 m na direção norte-sul e de largura 2,65 m na direção este-oeste. Aí, também foi identificado apenas um motivo. Trata-se de um sulco em forma de S, com cerca de 20 cm de comprimento. O sulco não espessa em nenhuma das extremidades. Poderá ser mais recente.

Referências bibliográficas

BETTENCOURT, A.M.S. (2013a). The rock engravings of Breia, Cardielos, Viana do Castelo/As gravuras rupestres da Breia, Cardielos, Viana do Castelo, *in* A.M.S. Bettencourt. *The Prehistory of the Northwestern Portugal*, / *A Pré-história do Noroeste de Portugal*, vol. 2, Braga / Tomar: CEIPHAR/CITCEM (E. bilingue), 207–215.

Fig. 19 - Levantamento fotogramétrico, pintado, do painel 1 da Breia 3.

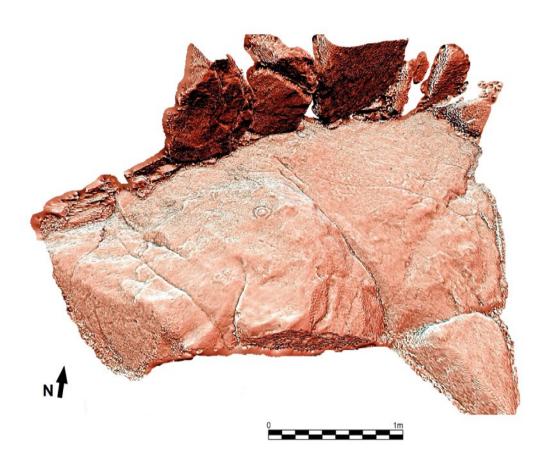




Fig. 20 – Localização da Breia 4, vista a partir de sudeste com o Monte de Aguieira no horizonte. (a régua de escala tem 50 cm).

Localização administrativa

Lugar da Portela - União de Freguesias de Cardielos e Serreleis, município de Viana do Castelo.

Localização geográfica

N 41° 43′ 18,1"; W 8° 44′ 03,7" (coordenadas sexagesimais do sistema WGS84); Altitude: c. de 62 m.

Lendas associadas Não.

Cristianização do lugar Não.

Estado de conservação

Razoável, mas a coloração do afloramento está muito alterada pela ação do fogo.

Acesso

Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima, sair para Nogueira (saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e virar à direita no caminho de terra batida. Percorrendo-se cerca de 150 m. encontra-se a Breia 4 a cerca de 50 m à esquerda do caminho.

Localiza-se num patamar da base da vertente sudeste do Monte de São Silvestre, sobranceiro a um curso de água intermitente que vai desaguar à ribeira de Nogueira, afluente da margem norte do rio Lima.

Trata-se de uma área com um substrato geológico granítico onde este aflora em superfícies de grandes dimensões. Ocorrem, também, diversos veios de quartzo leitoso. Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho.

O solo apresenta uma escassa profundidade, com vegetação predominantemente arbustiva (tojo, giesta) e herbácea. Atualmente a utilização do terreno é florestal, tendo sido área de pastoreio, até ao séc. XX. Também foi área de moagem, existindo nas imediações um moinho de vento, em ruina.

Desde o afloramento é visível para norte e nordeste, a Serra de Arga, para noroeste o Monte da Aguieira, no alto da Serra de Perre, para oeste a vertente íngreme e pedregosa do Monte de São Silvestre e, para este e sudeste, onde a visibilidade é mais aberta, parte do vale do Lima e dos seus relevos da margem esquerda [Fig. 20].

Historial

Foi descoberta por Cándido Verde e José Álvarez, aficionados de arqueologia, em 2017, e alvo de inventariação por parte da Câmara Municipal por intervenção de Ana M. S. Bettencourt, em fevereiro de 2017.

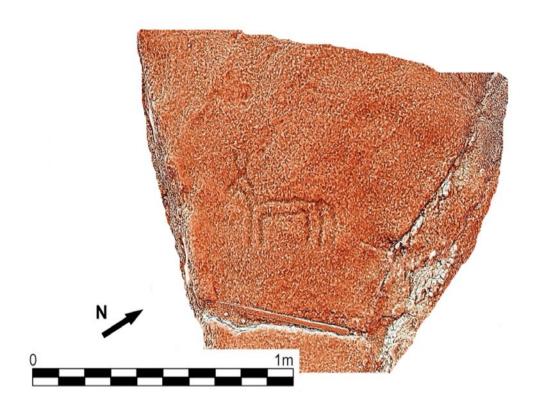
Descrição do afloramento gravado

Afloramento granítico de grão médio, ligeiramente sobrelevado em relação ao solo, de grandes dimensões, com orientação noroeste-sudeste, e ligeira pendente para sudeste. Tem inúmeras diaclases que acompanham a sua orientação e alguns veios de quartzo leitoso, por vezes, em estado de metamorfização. Mede 19,5 m de comprimento e 9 m de largura. É de cor cinzenta escura, provavelmente por ação dos incêndios. O afloramento contém, ainda, uma pia natural no topo.

Descrição das gravuras e dos painéis

A Breia 4 tem um único painel gravado. Este situa-se numa pequeno declive existente a sudeste. Neste existe apenas um motivo. Trata-te de um quadrúpede de estilo semi-naturalista, em posição estática, nomeadamente um equídeo com 43 cm de comprimento. Este apresenta a cabeça levantada e as orelhas muito grandes, tendo em conta a proporção do corpo. A cabeça está virada para sudoeste e a cauda para nordeste [Fig. 21]. Foi realizado através de percussão seguida de abrasão, o que originou um sulco de secção em U, com cerca de 6 mm de profundidade.

Fig. 21 - Representação fotogramétrica do quadrúpede da Breia 4.



LUGARES GRAVADOS: BREIA 4

Referências bibliográficas

BETTENCOURT, A.M.S. (2017a). "Pos-Palaeolithic rock art of north-western Portugal: an approach", *in* A.M.S. Bettencourt, M. Santos-Estevez, H.A. Sampaio, D. Cardoso (eds.), *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest*, British Archaeological Reports – BAR, Oxford: BAR Publishing, 123–149.



Fig. 22 – Breia 5 após limpeza do afloramento. Na parte superior podem observar-se os inúmeros estalamentos provocados pela ação do fogo. (a régua de escala tem 50 cm).

Localização administrativa

Localização administrativa: Lugar da Portela - União de Freguesias de Cardielos e Serreleis, município de Viana do Castelo.

Localização geográfica N 41º 43' 14,3"; W 8º 44' 12,9" (coordenadas sexagesimais do sistema WGS84); Altitude: c. de 86 m.

Lendas associadas Desconhecidas.

Cristianização do lugar Não.

Estado de conservação Mau.

Acesso

Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima, sair para Nogueira (saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e seguir no caminho de terra batida. A cerca de 200 m encontra-se. à esquerda, uma propriedade com alguns pinheiros. É atravessando essa propriedade, no sentido sul, que se acede à Breia 5, que fica a cerca de 100 m do caminho.

Localiza-se numa depressão, a meio da vertente este-sudeste do Monte São Silvestre, numa zona profundamente irrigada, por onde passa um curso de água intermitente.

Trata-se de uma área com um substrato geológico predominantemente granítico onde ocorrem, também, diversos veios de quartzo leitoso. Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho.

O solo apresenta uma escassa profundidade, com vegetação predominantemente arbustiva (tojo, giesta) e herbácea. Atualmente a utilização do terreno é florestal, tendo sido área de pastoreio, até ao séc. XX. O local também foi usado para corte de pedra manual.

Visibilidade fechada em todas as direções com a exceção do quadrante sul, onde se pode observar parte do vale do rio Lima.

Historial

Foi descoberta por Cándido Verde e José Álvarez, aficionados de arqueologia, em 2017, e alvo de inventariação por parte da Câmara Municipal de Viana de Castelo, por intervenção de Ana M. S. Bettencourt, em fevereiro de 2017.

Descrição do afloramento gravado

Afloramento de granito de grão médio, de cor acinzentada, de orientação noroeste-sudeste, contorno sub-retangular, com elevação na parte central e em grande parte do seu eixo maior, de onde partem declives algo acentuados para todos os quadrantes, com exceção do noroeste. É de grandes dimensões, com 13 m de comprimento por 4 m de largura e mais de 1 m de altura máxima. Na sua parte inferior, a sudeste, apresenta uma superfície aplanada. Existe um veio de quarto leitoso que se inicia na parte superior do afloramento e se prolonga pela sua lateral nascente.

Este afloramento está em estado avançado de degradação, com inúmeros estalamentos resultantes da ação dos incêndios que degradaram vários motivos gravados [Figs. 22 a 26].

Descrição das gravuras e dos painéis

O afloramento foi dividido em dois painéis nos quais se encontraram gravuras. O painel 1, distribui-se no topo do afloramento e nos seus declives sudoeste, sul e sudeste, numa área de 6,4 m de comprimento por 4 m de largura. Aí foram contabilizados, pelo menos, 11 equídeos de estilo semi-naturalista e um esquemático em posição relativamente estática, embora a representação das orelhas pronunciadas, em alguns, assim como as caudas arqueadas, indiciem movimento. Oito desses equídeos estão orientados para noroeste e, pelo menos, três deles para sudeste.

A GEOGRAFIA MÁGICA DO MONTE DE SÃO SILVESTRE

Fig. 23 – Localização do par de equídeos orientados a noroeste do painel 1 da Breia 5 e pormenor da sua relação com uma aba granítica. (a escala tem 1 m).





No topo do afloramento, na sua extremidade noroeste parecem existir mais dois equídeos incompletos. Com exceção do esquemático, os restantes equídeos semi-naturalistas apresentam diferenças entre si, a saber: nas dimensões (entre 37 a 56 cm); nas representações das orelhas (existindo, pelo menos um, com orelhas muito espessadas na extremidade); nas caudas, mais ou menos arqueadas e, num dos casos, representada por duplo traço; na representação do ventre, uma vez representada por traço duplo. Alguns deles tem o sexo explícito e outro apresenta uma covinha sob o ventre. Há, pelo menos, um equídeo montado, estando o cavaleiro reduzido ao seu máximo esquematismo, ou seja, é apenas representado por um sulco disposto na perpendicular

face ao lombo do animal. Não se detetaram indícios de rédeas. Este equídeo tem, ainda, a particularidade de ter representado o falo. É curioso verificar que os animais que se encontram na extremidade da composição, virados para direções opostas, parecem constituir dois conjuntos de machos e de fêmeas. Na extremidade sudoeste da composição, os equídeos orientam-se para uma aba natural do afloramento, como se se dirigissem para o interior da rocha [Figs. 23 a 26].

Existem equídeos muito erodidos e outros de traços mais profundos, como se tivessem sido gravados em vários momentos. É possível que existam outros pormenores mas o estado de degradação da superfície do afloramento impossibilita uma análise mais pormenorizada. Foi, ainda, gravado um círculo segmentado na pendente sudeste, cujos raios se orientam para nordeste-sudoeste e noroeste-sudeste.

O painel 2, individualiza-se do painel 1 por uma diaclase que se orienta no sentido nordeste-sudoeste. A par de três equídeos semi-naturalistas e de um esquemático, muito erodidos, localizados no declive sudeste tem, no topo aplanado, um motivo abstrato, indeterminado, que poderá ser uma marca de termo de propriedade ou de divisória administrativa e, portanto, de cronologia mais recente do que os restantes [Fig. 24].

A técnica de gravação foi a percussão seguida de abrasão o que originou sulcos em forma de U, entre os 4 e 6 mm de profundidade. No entanto, o motivo abstracto, existente no painel dois, apresenta sulcos mais estreitos, mais profundos e rugosos, nalguns casos, com evidência de ter sido realizado com recurso a um pico metálico.

Referências bibliográficas

BETTENCOURT, AMS (2017a). "Pos-Palaeolithic rock art of north-western Portugal: an approach", in A.M.S. Bettencourt, M. Santos-Estevez, H.A. Sampaio, D. Cardoso (eds.), Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest, British Archaeological Reports – BAR, Oxford: BAR Publishing, 123–149.

A GEOGRAFIA MÁGICA DO MONTE DE SÃO SILVESTRE

Fig. 24 - Representação fotogramétrica do painel 1 da Breia 5, com motivos pintados.

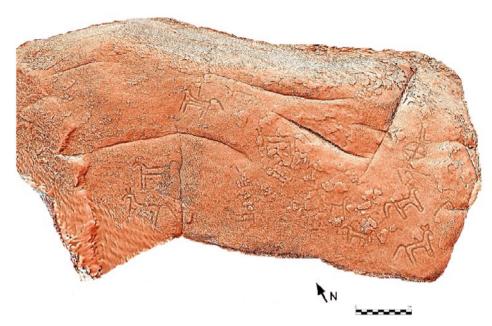


Fig. 25 - Representação fotogramétrica do painel 2 da Breia 5, com motivos pintados.

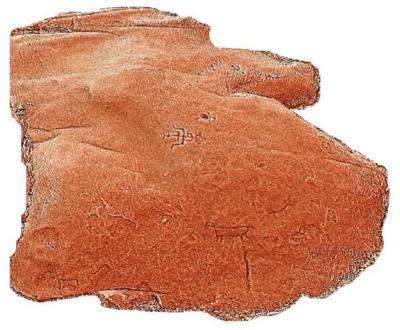


Fig. 26 - Representação fotogramétrica dos painéis 1 e 2 da Breia 5, com os motivos pintados.

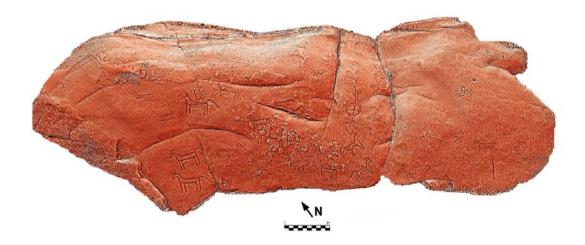




Fig. 27 - Fotografia noturna da Breia 6 em fevereiro de 2017. (escala de 10 cm da International Federation of Rock Art Organisations -IFRAO). Localização administrativa Lugar da Portela - União de Freguesias de Cardielos e Serreleis, município de Viana

Localização geográfica N 41º 43' 14,4"; W 8º 44' 13,1" (coordenadas sexagesimais do sistema WGS84); Altitude: c. de 87 m.

Lendas associadas Desconhecidas.

do Castelo.

Cristianização do lugar Desconhecidas.

Estado de conservação Razoável.

Acesso

Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima, sair para Nogueira (saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita. denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e seguir no caminho de terra batida. A cerca de 200 m encontra-se, à esquerda, uma propriedade com alguns pinheiros. É atravessando essa propriedade, no sentido sul, que se acede à Breia 6, a cerca de 100 m do caminho.

Localiza-se numa depressão, a meio da vertente este-sudeste do Monte São Silvestre, numa zona profundamente irrigada, por onde passa um curso de água intermitente.

Trata-se de uma área com um substrato geológico predominantemente granítico onde ocorrem, também, diversos veios de quartzo leitoso. Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho.

O solo apresenta uma escassa profundidade, com vegetação predominantemente arbustiva (tojo, giesta) e herbácea. Atualmente, a utilização do terreno é florestal, tendo sido área de pastoreio, até ao séc. XX. O local também foi usado para corte de pedra manual.

Visibilidade fechada em todas as direções com a exceção do quadrante sul, onde se pode visualizar parte do vale do Lima.

Historial

Foi descoberta por Cándido Verde e José Álvarez, aficionados de arqueologia, em 2017, e alvo de inventariação por parte da Câmara Municipal de Viana do Castelo, por intervenção de Ana M. S. Bettencourt, em fevereiro de 2017 [Fig. 27]

Descrição do afloramento gravado

Afloramento granítico de grão médio, de cor acinzentada, de contorno sensivelmente trapezoidal, orientado de noroeste para sudeste, com 2,3 m de no sentido norte-sul e 2,7 m no sentido este-oeste. Apresenta um ligeiro declive virado para sul.

Descrição das gravuras e dos painéis

Este afloramento apresenta um único painel com uma única gravura. Trata-se de um quadrúpede, nomeadamente um equídeo semi-naturalista, macho, pois é nítida a representação do falos, com a cabeça e a cauda levantada, o que indicia uma postura de vigilância. Ambas as orelhas rematam em dois pequenos círculos, dando a impressão de que estão enfeitadas. Este equídeo está orientado para sudeste como se olhasse, de uma posição superior, para alguns dos equídeos da Breia 5, que lhe fica contígua. Tem 52 cm de comprimento por 21 cm de largura. Foi realizado através de percussão seguida de abrasão originando sulcos de secção em U com cerca de 4 mm de profundidade [Figs. 27 e 28].

Referências bibliográficas

BETTENCOURT, AMS (2017a). "Pos-Palaeolithic rock art of north-western Portugal: an approach", *in* A.M.S. Bettencourt, M. Santos-Estevez, H.A. Sampaio, D. Cardoso (eds.), *Recorded Places, Experienced Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest*, British Archaeological Reports – BAR, Oxford: BAR Publishing, 123–149.

Fig. 28 - Rrepresentação fotogramétrica da Breia 6, com o motivo pintado.

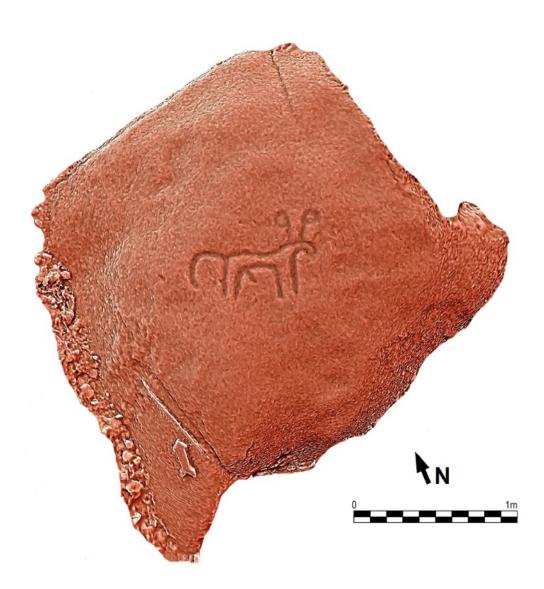




Fig. 29 – Aspecto da Breia 7 após limpeza. Localização administrativa Lugar da Portela - União de Freguesias de Cardielos e Serreleis, município de Viana do Castelo.

Localização geográfica N 41º 43' 14,5"; W 8º 44' 13,5" (coordenadas sexagesimais do sistema WGS84); Altitude: c. de 88 m.

Lendas associadas Desconhecidas.

Cristianização do lugar Não.

Estado de conservação Mau.

Acesso

Acesso: Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima, sair para Nogueira (saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e seguir no caminho de terra batida. A cerca de 200 m encontra-se. à esquerda, uma propriedade com alguns pinheiros. É atravessando essa propriedade, no sentido sul, que se acede à Breia 7, a cerda de 100 m do caminho.

Localiza-se numa depressão, a meio da vertente este-sudeste do Monte São Silvestre, numa zona profundamente irrigada, por onde passa um curso de água intermitente.

Trata-se de uma área com um substrato geológico predominantemente granítico onde ocorrem, também, diversos veios de quartzo leitoso. Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho.

O solo apresenta uma escassa profundidade, com vegetação predominantemente arbustiva (tojo, giesta) e herbácea. Atualmente a utilização do terreno é florestal, tendo sido área de pastoreio, até ao séc. XX. O local também foi usado para corte de pedra manual.

Visibilidade fechada em todas as direções com a exceção do quadrante sul, onde se pode observar parte do vale do rio Lima.

Historial

Foi descoberta por Cándido Verde e José Álvarez, em 2017, e alvo de inventariação por parte da Câmara Municipal de Viana do Castelo, por intervenção de Ana M. S. Bettencourt, em fevereiro de 2017.

Descrição do afloramento gravado

Afloramento granítico de grão médio, de cor cinzenta clara, com algumas manchas escuras devido a alterações provocadas pelo fogo. É parcialmente sobrelevado, de contorno trapezoidal e orienta-se de nordeste para sudoeste, com ligeiro declive para sul, acompanhando o desnível do terreno. A sua superficie apresenta algumas irregularidades, observando-se pequenas diaclases na parte norte e sudeste. Tem 5,25 m de comprimento no sentido norte-sul e 3,7 m de largura no sentido este-oeste [Fig. 29].

Descrição das gravuras e dos painéis

Este afloramento apresenta, na parte aplanada, um motivo circular, mais precisamente um círculo concêntrico de quatro voltas, com 50 cm de diâmetro. Do interior deste motivo, com uma covinha central, sai um sulco meandriforme que se dirige para sudeste e que irá atravessar outro círculo concêntrico formado por três voltas e covinha central. Da extremidade de ambas as composições circulares saem pequenos sulcos que se vão inserir no anterior. Todos os motivos estão profundamente erodidos.

A técnica de gravação foi a percussão seguida de abrasão tendo originado sulcos de seção em U , com cerca de 3 mm de profundidade [Fig. 30].

Referências bibliográficas

Inédita.

Fig. 30 - Representação fotogramétrica da Breia 7, com os motivos parcialmente pintados.





Fig. 31 - Fotografia da Breia 8 com luz noturna. (escala de 10 cm da International Federation of Rock Art Organisations-IFRAO).

Localização administrativa Lugar da Portela – União de Freguesias de Cardielos e Serreleis, município de Viana do Castelo.

Localização geográfica N 41º 43' 12,6"; W 8º 44' 23,0" (coordenadas sexagesimais do sistema WGS84); Altitude: c. de 113 m.

Lendas associadas Desconhecidas.

Cristianização do lugar Não.

Estado de conservação Mau.

Acesso

Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima, sair para Nogueira (saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita. denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e seguir no caminho de terra batida. A 538 m. encontra-se, à esquerda, uma entrada para uma propriedade privada. Entrar nessa propriedade e seguir o trilho existente até ao muro de divisão, passando por um lameiro. Depois de se passar para outra propriedade, seguir para sul c. de 50 m, até encontrar o afloramento gravado.

Localiza-se num outeiro existente a meio da vertente sudeste do Monte de São Silvestre, sobranceiro a um pequeno vale.

Trata-se de uma área com um substrato geológico predominantemente granítico onde ocorrem, também, diversos veios de quartzo leitoso. Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho.

O solo apresenta uma escassa profundidade, com vegetação predominantemente arbustiva (tojo, giesta) e herbácea. Atualmente a utilização do terreno é florestal, tendo sido área de pastoreio, até ao séc. XX.

A partir das gravuras a visibilidade é fechada para norte a oeste e "aberta" para sul e este, podendo observar-se, para esses quadrantes, grande parte do rio Lima e do seu vale.

Historial

Foi descoberta por Cándido Verde e José Álvarez, aficionados de arqueologia, em 2017, e alvo de inventariação pela Câmara Municipal de Viana do Castelo, por intervenção de Ana M. S. Bettencourt, em fevereiro de 2017.

Descrição do afloramento gravado

Afloramento granítico de grão médio, acinzentado, rasante ao solo, com 3 m de comprimento no sentido norte-sul e 2,1 m de largura no sentido este-oeste. Apresenta ligeiro declive para sul [Fig. 31].

Descrição das gravuras e dos painéis

Este afloramento pode dividir-se em dois painéis distintos. O painel 1 localiza-se no topo aplanado e contem, apenas, um reticulado dentro de um quadrado imperfeito com 35 cm de lado. O motivo foi realizado por picotagem seguido de abrasão, formando sulcos de secção em U, com cerca de 4 mm de profundidade [Fig. 32].

O painel 2, no início do declive sul, foi gravado com um quadrúpede semi-naturalista que, pelas suas características anatómicas, parece um equídeo com a cabeça virada para nordeste e uma cauda acentuada. Mede 37 cm de comprimento. Este motivo sobrepôs-se ao que parece ser um outro equídeo, orientado para noroeste, gravado com técnica distinta, embora com a cabeça definida por um traço duplo. Tem o pescoço erguido e aparenta a representação de crinas. Sob as patas dianteiras do equídeo maior há um motivo indeterminado. Tratam-se de motivos figurativos realizados por percussão seguida de abrasão [Fig. 32].

Referências bibliográficas

Inédita.

Fig. 32 - Representação fotogramétrica dos painéis 1 e 2 da Breia 8, com os motivos pintados.





Fig. 33 - Aspecto do painel 1 da Breia 9, após os trabalhos de limpeza. (a escala tem 1 m).

Localização administrativa Lugar da Portela – União de Freguesias de Cardielos e Serreleis, município de Viana do Castelo.

Localização geográfica N 41º 43' 15,0"; W 8º 44' 12,1"; (coordenadas sexagesimais do sistema WGS84); Altitude: c. de 86 m.

Lendas associadas Desconhecidas.

Cristianização do lugar Não.

Estado de conservação Razoável.

Acesso

Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima, sair para Nogueira (saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita. denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e seguir no caminho de terra batida. A cerca de 200 m encontra-se, à esquerda, uma propriedade com alguns pinheiros. É atravessando essa propriedade, no sentido sul, que se acede à Breia 9, a cerca de 70 m do caminho.

Localiza-se numa plataforma na parte inferior da vertente este-sudeste do Monte São Silvestre. Trata-se de uma área com substrato geológico predominantemente granítico onde ocorrem, também, diversos veios de quartzo leitoso. Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho.

O solo apresenta uma escassa profundidade, com vegetação arbustiva (tojo, giesta), arbórea (eucalipto) e herbácea. Atualmente a utilização do terreno é florestal, tendo sido área de pastoreio, até ao séc. XX.

A visibilidade para norte e noroeste é "fechada"; para oeste avista-se a vertente íngreme do Monte de São Silvestre. O vale do Lima é visível desde sudoeste até ao quadrante este.

Historial

Foi descoberta por Cándido Verde e José Álvarez, em 2017, e alvo de inventariação por parte da Câmara Municipal de Viana do Castelo, por intervenção de Ana M. S. Bettencourt, em fevereiro de 2017.

Descrição do afloramento gravado

Afloramento granítico de grão médio, de cor acinzentada, de médias dimensões, algo destacado do solo. Da parte mais elevada e aplanada, desenvolvem-se declives suaves para sul, este e oeste, e mais acentuada para noroeste. Sensivelmente a meio do afloramento há uma concavidade que se distribui de este para oeste. Tem 6,7 m de comprimento no sentido este-oeste e 4,90 m de largura no sentido norte-sul. Atualmente, passa-lhe por cima um muro de divisão de propriedade, tendo uma abertura que serve de portão. O muro orienta-se de nordeste para sudeste.

Descrição das gravuras e dos painéis

O afloramento tem, nitidamente, dois painéis. O painel 1, encontra-se na extremidade sudeste do afloramento, quer na área aplanada do seu topo, quer no início dos declives norte e nordeste. Apresenta uma composição oval com o seu eixo maior no sentido nordeste-sudoeste. Esta foi subdividida internamente por um sulco, com a mesma orientação, que apresenta uma covinha, a meio, e outra, na extremidade sudoeste. Há ainda a registar, no seu interior, três sulcos perpendiculares que se orientam de nordeste para sudoeste, e que segmentam o espaço interno. Da extremidade nordeste desta composição sai um sulco que se liga a um motivo tendencialmente circular, dentro do qual foram gravados dois círculos segmentados, cujos segmentos têm uma orientação noroeste-sudeste e sudoeste-nordeste. Nas imediações ocorre o que parece ser outro círculo segmentado, erodido e um círculo aberto. Na parece virada a noroeste, quase vertical, existe um soliforme composto por um círculo central raiado, inseridos num círculo exterior, incompleto. Deste, sai um sulco retilíneo que se prolonga

LUGARES GRAVADOS: BREIA 9

até a uma diaclase do afloramento, como se entrasse no interior da rocha e voltasse a sair, através de outro sulco divergente [Fig. 34].

Estas composições têm entre 23 e 29 cm. Os sulcos, de secção em U, foram gravados por percussão, seguida de abrasão e têm entre 3 e 6 mm de profundidade.

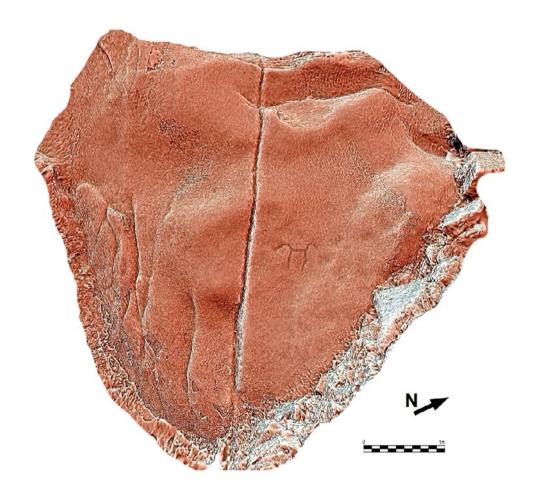
O painel 2, localiza-se no lado sul do afloramento. O motivo presente neste painel representa um zoomorfo, nomeadamente um quadrúpede muito esquemático, com orientação provável para nordeste. Possui, cauda bem arqueada e um sulco espessado representando a cabeça. Este motivo tem de comprimento 30 cm e 6 cm de largura, e apesar de ter sido gravado por percussão seguida de abrasão, tem um aspeto distinto das gravuras do painel 1, da qual está bem separado. O seu sulco tem apenas 2 a 3 mm de profundidade [Fig. 35].

Referências bibliográficas Inédita.

Fig. 34 - Fotogrametria com motivos pintados do painel 1 da Breia 9.



Fig. 35 - Representação fotogramétrica do painel 2 da Breia 9, com motivo pintado.



Breia 10



Fig. 36 - Breia 10 após os trabalhos de limpeza. A superfície gravada é a que fica a sul da escala e da seta (a escala tem 1 m). Localização administrativa Lugar da Portela - União de Freguesias de Cardielos e

Freguesias de Cardielos e Serreleis, município de Viana do Castelo.

Localização geográfica

N 41° 43′ 13,3″; W 8° 44′ 11,1″ (coordenadas sexagesimais do sistema WGS84); Altitude: c. de 87 m.

Lendas associadas Desconhecidas.

Cristianização do lugar Não.

Estado de conservação Razoável.

Acesso

Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima, sair para Nogueira (saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e seguir no caminho de terra batida. Percorrendo-se cerca de 200 m. encontra-se uma propriedade com pinheiros, à esquerda, através da qual se acede à Breia 10, a cerca de 100 m do caminho para sudeste.

Localização física e ambiental

Localiza-se num patamar na base da vertente este-sudeste do Monte São Silvestre. Trata-se de uma área com um substrato geológico predominantemente granítico onde ocorrem, também, diversos veios de quartzo leitoso. Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho.

O solo apresenta escassa profundidade, com vegetação arbustiva (tojo, giesta), arbórea (eucalipto) e herbácea. Atualmente a utilização do terreno é florestal, tendo sido pastoril, ainda no séc. XX.

A partir do afloramento gravado há visibilidade para sul e este, ou seja, para o vale do rio Lima; para nordeste vê-se a imponente e pedregosa Serra de Arga e o Monte do Formigoso, de grande impressividade pela sua forma cónica e com ocupação durante a Pré-história Recente, assim como os relevos residuais que seguem ao longo do vale do Lima. Para oeste e noroeste avistam-se as vertentes íngremes do Monte de São Silvestre.

Historial

Foi descoberta no âmbito dos trabalhos de prospecção realizados em junho de 2017.

Descrição do afloramento gravado

O afloramento gravado é o maior na área em que se encontra, estando inserido num aglomerado de blocos, do qual se separa por uma profunda e larga diaclase, no sentido noroeste-sudeste, sendo, também, sobrelevado em relação ao solo. Tem 3,65 m, no sentido norte-sul, 3,30 m no sentido este-oeste e 1,5 m de altura. Trata-se de um afloramento granítico de cor acinzentada, de grão médio, com o topo aplanado e declives acentuados para os diferentes quadrantes. Num patamar, perto do topo, existem duas pias naturais [Figs. 36 e 37].

Descrição das gravuras e dos painéis

O afloramento possuí um único motivo gravado e portanto, um só painel. Trata-se de um círculo com covinha central, com 13,5 cm de diâmetro. O motivo localiza-se no topo do afloramento, na área mais alta e aplanada. Foi realizado por percussão direta seguida de abrasão, o que originou sulcos em forma de U, com cerca de 3 mm de profundidade. Inscreve-se na gramática figurativa da Arte Atlântica [Fig. 37].

Referências bibliográficas

Inédita.

Fig. 37 - Levantamento fotogramétrico da Breia 10, visto de sudoeste.



Breia 11



Fig. 38 - Breia 11 após limpeza superficial. (a régua de escala tem 50 cm).

Localização administrativa Lugar da Portela – União de Freguesias de Cardielos e Serreleis, município de Viana do Castelo.

Localização geográfica N 41º 43' 16,9"; W 8º 44' 22,8" (coordenadas sexagesimais do sistema WGS84); Altitude: c. de 120 m.

Lendas associadas Desconhecidas.

Cristianização do lugar Não.

Estado de conservação Mau - gravuras estão muito erodidas e desgastadas devido aos agentes naturais, particularmente aos fogos.

Acesso

Seguindo a A27 no sentido Viana do Castelo - Ponte de Lima, sair para Nogueira (saída 1). Na primeira rotunda virar em direção a Cardielos. Após a placa de início de freguesia, cortar na segunda rua à direita, denominada Rua da Breia. Após o casario do Lugar da Breia deve seguir em frente e atravessar o viaduto que passa por cima da A27 e seguir no caminho de terra batida. Percorrendo-se cerca de 538 m, encontra-se, à esquerda, um corte para uma propriedade privada. Após entrar nessa propriedade, seguir o trilho durante cerca de 50 m, chegando-se assim à Breia 11.

Localização física e ambiental

Localiza-se numa plataforma a meio da vertente do Monte de São Silvestre. Trata-se de uma área com um substrato geológico predominantemente granítico onde ocorrem, também, diversos veios de quartzo leitoso. Nas proximidades encontram-se jazidas primárias e secundárias de estanho.

O solo apresenta escassa profundidade, com vegetação arbustiva (tojo, giesta), arbórea (eucalipto) e herbácea. Atualmente a utilização do terreno é florestal, tendo sido, no séc. XX área de pastoreio.

Visibilidade fechada em todas as direções à exceção de uma pequena "janela" para este, onde se observa o Monte do Formigoso (esporão sul da Serra de Arga de grande impressividade pela sua forma cónica e ocupado durante a Pré-história-Recente e a Idade Média) e os relevos residuais que o circundam.

Historial

Foi descoberta no âmbito dos trabalhos de prospecção realizados em julho de 2017.

Descrição do afloramento gravado

Afloramento granítico de grão médio, acinzentado, rasante solo, com 5,1 m de comprimento, no sentido norte-sul, por 1,7 m de largura no sentido este-oeste [Fig. 38].

Descrição das gravuras e dos painéis

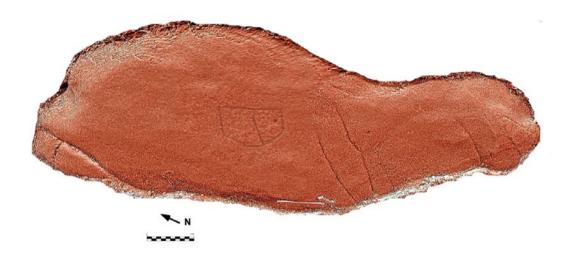
Este afloramento apresenta apenas um motivo gravado localizado na sua parte central e pouco perceptível. Trata-se de uma figura fechada, composta por tês sulcos retos e um curvo. Deste sai um segmento de reta que remata numa covinha. No interior da figura há, ainda, outra covinha.

Foi gravado por percussão direta seguida de abrasão, sendo os seus sulcos em forma de U. Estes têm cerca de 3 mm de profundidade. Não se conhecem paralelos para este motivo pelo que poderão não ser pré-histórico [Fig. 39].

Referências bibliográficas

Inédita.

Fig. 39 - Representação fotogramétrica da Breia 11.



Lugares gravados no espaço e no tempo



O conjunto de gravuras rupestres das vertentes este, este-sudeste e sudeste do Monte de São Silvestre [Fig. 40] apresenta diversidade estilística, sendo observável uma gramática decorativa inserível na Arte Atlântica, na sua conceção restrita, segundo Bettencourt (2017a, 2017b), ou na sua primeira fase, segundo Santos-Estévez (2012), a par de outra mais figurativa.

Na Arte Atlântica podem inserir-se as Breias 1, 2, 3, 7 e 10 – superfícies gravadas com composições circulares, nomeadamente círculos concêntricos, sulcos meandriformes (que frequentemente interligam círculos entre si) e numerosas covinhas.

Estas localizam-se em patamares entre os 50 e os 90 m, sendo constituídas por dois núcleos; o de cota mais baixa, entre os 50 e os 65 m, onde se incluem as Breias 1, 2 e 3 uma delas com quase uma centena de motivos gravados (Breia 1) a par de outras com um ou dois motivos, como as Breias 2 e 3, respetivamente. São *loci* com visibilidade privilegiada para a vertente alta e impressiva do Monte de São Silvestre, e de fácil acessibilidade a partir do vale.

O segundo grupo, composto pela Breia 7 e 10, localiza-se a cota um pouco mais elevada, entre os 80 e 90 m de altitude, tendo um dos afloramentos uma composição com dois círculos concêntricos, unidos por sulcos (Breia 7) e o outro, apenas um círculo (Breia 10). Se do *locus* 10 as condições de acessibilidade e visibilidade são similares às da Breia 1 e 2, o *locus* 7 é de mais difícil acesso, por se encontrar no seio de um caos de blocos graníticos.

Ambos os grupos localizam-se em solos profundamente irrigados por cursos de água intermitentes que se originam nas vertentes altas do Monte de São Silvestre, sendo de destacar as Breias 1 e 2, que tendem a assorear-se [Figs. 5 e 41]. De uma forma geral são áreas favoráveis à pastorícia, uma atividade que se manteve no local, até à primeira metade do séc. XX.

Entre estes dois núcleos há diferenças em relação às geoformas escolhidas para gravação que parecem comportar diferentes tipos de audiência. No primeiro grupo todos os afloramentos são rasantes em relação ao solo atual, de topos aplanados, sendo os motivos gravados facilmente visíveis pelo público, que poderia circular á volta de cada um deles. No segundo, os motivos gravados encontram-se em superfícies mais elevadas e de mais difícil acesso e visibilidade.

A diversidade de *loci* com a mesma gramática decorativa faz pensar na possibilidade de existirem diferentes sentido para cada um deles, supostamente interconectados em rede, tal como foi defendido por Bettencourt (2017a), e provavelmente para distintas audiências, sejam elas reais ou míticas, tal como foi proposto por Cardoso (2015) para a Arte Atlântica do Monte de São Romão, em Guimarães.

As gravuras deste estilo deverão integrar-se no Neolítico Médio/ Final, com continuidade para o Calcolítico, isto é, entre o início

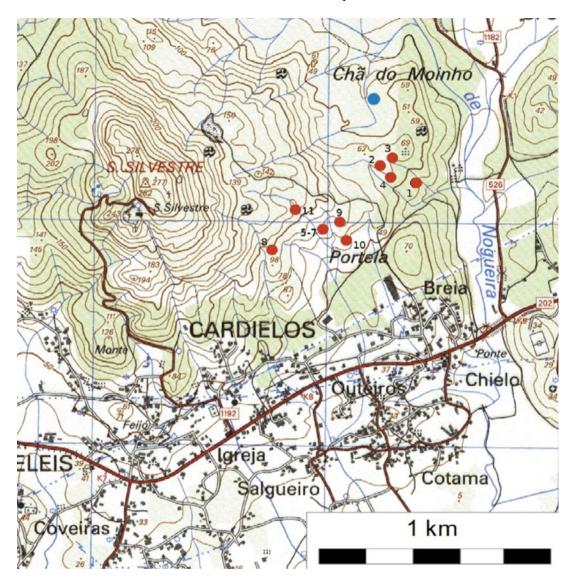


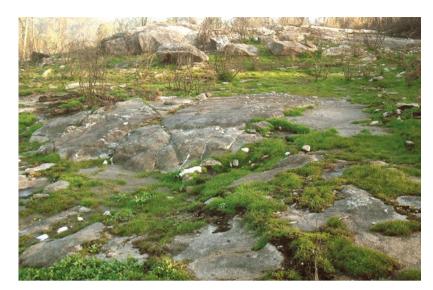
Fig. 40 - Distribuição das gravuras da Breia (a vermelho) nas vertentes este, este-sudeste e sudeste do Monte de São Silvestre, em extrato da Carta Militar de Portugal nº 40, na escala 1/25.000 (IGEO). A azul um possível monumento de tradição megalítica.

do 4º e o final do 3º milénios AC, tal como tem sido proposto por vários autores, dada as suas afinidades com alguns motivos gravados e pintados no interior dos monumentos megalíticos funerários (Alves, 2003, 2009; Bettencourt, 2009; Santos-Estévez, 2012; Cardoso, 2015). Recentemente, Alves e Reis (2017) recuaram a origem deste tipo de sítios para o 5º milénio AC, na presunção de que alguns monumentos megalíticos da fachada ocidental se desenvolveram a partir dessa cronologia.

De salientar a notícia oral da existência de um monumento megalítico que existiria na Portela, nas imediações das gravuras, principalmente da Breia 1, revelando duas formas distintas mas complementares de "marcar" e "experienciar" o mundo, à semelhança do que se nota no Monte de São Gonçalo, em Barcelos (Bettencourt, 2017a) e no Monte Faro, em Valença (Alves e Reis, 2017).

Fig. 41 - Breia 2, durante o inverno de 2016, sendo notória a acumulação de água e o seu assoreamento parcial.

Fig. 42 - Breia 5, em primeiro plano, e Breia 6, em segundo plano.





A importância do Monte de São Silvestre perpetuou-se na longa temporalidade, pois durante o 2º e 1º milénios AC (que correspondem às Idades do Bronze e do Ferro), aí foram gravados novos motivos numa imagética mais figurativa. Esta materializa-se nas Breias 4, 5, 6 e 8, gravadas apenas com equídeos (Breias 4 e 6) ou quase só com estes motivos (Breias 5 e 8). No caso da Breia 5 estes associam-se a um círculo segmentado e na Breia 8 a um reticulado. Os equídeos representam-se de forma semi-naturalista ou mais ou menos esquemática, por vezes "enfeitados" nas orelhas (Breia 6). A Breia 9 merece particular destaque por representar um soliforme virado para noroeste, associado a dois círculos segmentados e a um equídeo muito esquemático. Também a Breia 1 foi regravada com círculos segmentados, equídeos, antropomorfos, cervídeos e a representação de um pé calçado.

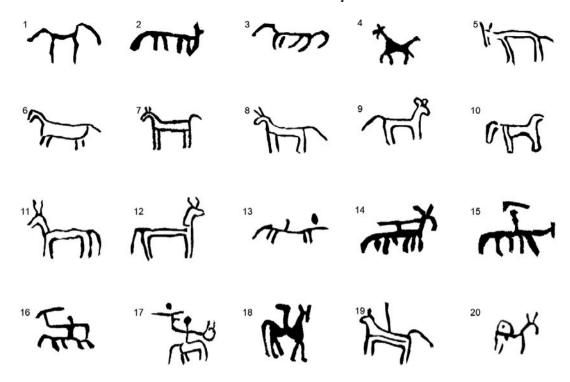


Fig. 43 – "Diferentes tipos de quadrúpedes representados na Breia.

Equídeos:

1 - Breia 9; 2 - Breia 1, painel 3; 3 - Breia 1, painel 3/6; 4 - Breia 1, painel 7; 5, 7, 8, 9 e 10 - Breia 5, painel 1; 6 - Breia 5, painel 2; 11 - Breia 4; 12 - Breia 8.

Equídeos com cavaleiros: 13 e 14: Breia 1, painel 1; 15: Breia 1, painel 2; 16 - Breia 1, painel 4; 17 - Breia 1, painel 2; 18 - Breia 1, painel 5; Equídeo cravado com lança (?): 19 - Breia 5, painel 1. Equídeo/ cervídeo (figura híbrida): 20 - Breia 1, painel 7. Os círculos segmentados, enquadram-se nesta imagética por terem sido interpretados como símbolos solares, através de inúmeros paralelos com objetos e grafias rupestres da Europa atlântica e continental da Idade do Bronze (Bettencourt, 2017a; 2017b). A mesma cronologia é atribuída à representação da sola de sandália ou sapato, como base em pararelos meridionais, segundo proposta de Moreira (2018) e Moreira e Bettencourt (no prelo).

Este grupo de composições figurativas localizam-se em três patamares altimétricos: entre os 60 m e 70 m (Breia 4); entre os 80 e os 90 m (Breias 5, 6 e 9) e à volta dos 120 m (Breia 8). Os motivos singulares encontram-se na Breia 4 e na Breia 6, a diferentes cotas. É na cota intermédia que existe o afloramento mais complexo, com diferentes painéis gravados, com quase duas dezenas de equídeos e um círculo segmentado (Breia 5). A cota superior há dois equídeos sobrepostos (Breia 8).

Apesar de serem todos *loci* de fácil acessibilidade a partir do vale, as Breias 5 e 6, contíguas e no mesmo caos de blocos, encontram-se num sítio recôndito, apenas com visibilidade para parte do vale do Lima, se a audiência estiver de costas viradas para as gravuras [Fig. 42]. Com exceção da Breia 1, na continuação da visualização de todos os equídeos, o olhar tende a dirigir-se para as vertentes pedregosas e íngremes dos Monte de São Silvestre ou da Aguieira, no alto da Serra de Perre, numa relação mais intimista com estes acidentes orográficos e com o "meio" serrano. Na proximidade de todos estes locais há cursos de água intermitentes, embora a sua inter-relação com eles não parece tão vinculativa,

como a que é frequente nos lugares com Arte Atlântica. A exceção é a Breia 4 que se localiza no "espaço" da maioria de afloramentos com Arte Atlântica.

Se não tivermos em conta a Breia 1, onde a representação de equídeos e de outros quadrúpedes resultam da reutilização de um lugar antigo, todos os restantes foram gravados em superfícies mais ou menos declivosas, numa nova forma de organizar o espaço compositivo [Fig. 42].

A diversidade de *loci* com gramática figurativa em termos dos patamares altimétricos em que se encontram, do número de motivos, da organização interna dos mesmos e das suas associações com símbolos abstratos, permite colocar a hipótese de que também existiriam diferentes sentidos para cada um dos *loci*, embora unidos por uma mitologia comum. Isto claro, no âmbito de motivos com similitude estilística, como é o caso dos equídeos sub-naturalistas das Breias 4, 5, 6 e 8 [Fig. 43].

De salientar que os quadrúpedes muito esquemáticos, por vezes representando cavaleiros e armas (provavelmente lanças), só ocorrem nas Breias 1, 5 e 9, reutilizando antigos lugares [Fig. 43]. Poderão ser já da Idade do Ferro, por paralelos com as cenas de equídeos e cavaleiros e lanças (embora estilisticamente diferentes) do Nordeste transmontano, como por exemplo, as do Vale da Casa, em Vila Nova de Foz Côa (Baptista, 1983) ou as da Vermelhosa, também em Vila Nova de Foz Côa (Batista, 1999).

Estes motivos, que parecem "encerrar" um longo ciclo de gravação nas vertentes este e sudeste de São Silvestre, poderão estar relacionados com a decisão de construir neste monte, talvez considerado auspicioso pela sua ancestral "sacralidade", pelo menos dois povoados da Idade do Ferro: o da Terronha, na vertente sul, vocacionado para atividades agro-silvo-pastoris, metalúrgicas e de intercâmbio (Oliveira, 2018, no prelo), e o de São Silvestre, no topo. Esta última hipótese foi defendida por González-Ruibal (2006) a propósito da existência de muitos castros em montes com arte rupestre, embora não de forma tão minuciosa.

Apesar da alteração de sentidos que tais transformações indiciam no Monte de São Silvestre, durante o 1º milénio AC, a necessidade de cristianizar a Breia 1, ou de construir uma capela na sua vertente alta, durante épocas históricas, demonstra que, na imagética popular, este era, ainda, portador de uma simbólica que era necessário "domesticar" na nova ordem do mundo.

Das grafias às interpretações



A interpretação da arte rupestre, aqui considerada como materialização do mundo ideológico das comunidades do passado, não é tarefa fácil, embora possível com base numa vasta conjugação de dados. Referimo-nos, por exemplo, à localização dos afloramentos gravados; às suas características formais e físicas (coloração, brilho, encraves, diaclases, etc.); aos motivos gravados e às suas inter-relações espaciais, quer internas, quer com o meio envolvente. Neste âmbito importam tanto as características do meio físico como as do espaço celeste.

Começando por analisar os contextos com Arte Atlântica verifica-se que todos têm vinculação com a água, quer através do seu alagamento e assoreamento, quer da proximidade com lameiros, assim como com solos irrigados; que os espaços gravados parecem "olhar" o espaço celeste, pela configuração horizontalizada das superfícies gravadas; que em todos está presente, para a audiência, o vale (local de acumulação de água e sedimentos) e o topo íngreme do Monte de São Silvestre (onde nasce água). De referir, a este propósito, a importante nascente conhecida como Fonte dos Cinco Sobreiros, que brota abundantemente no alto da vertente este deste monte, ponto de referência para as populações locais, até, pelo menos, o séc. XX e ao qual se atribui a morada de um ser mitológico – uma moura encantada.

Analisando as grafias, como por exemplo, o painel 1 da Breia 1, verifica-se que, na base do idoliforme que parece tutelar a composição, formada por um círculo concêntrico, nasce um grande sulco (água/cordão umbilical/caminho/percurso?) que interliga quase todas as restantes composições circulares. Este tem a cabeça orientada para nordeste, genericamente para o quadrante onde nasce o sol a partir do solstício de verão. De destacar, ainda, a presença de dois serpentiformes, animais que tanto vivem na água como em terra, que hibernam no subsolo e que, ao mudarem de pele, ciclicamente, mimetizam o ciclo das estações. Nos painéis 2, 3/6 e 4 da Breia 1, a circularidade dos motivos, com ou sem sulcos associados, é uma constante. Na Breia 7, do centro de dois círculos concêntricos saem ou nascem sulcos mais ou menos ondulantes que se interligam ou derivam, numa imagética repetida inúmeras vezes, noutros locais de Arte Atlântica do Noroeste.

A partir destes dados parece possível colocar-se a hipótese de que se está face a uma linguagem gráfica que materializa e incorpora a ideia de nascimento, renascimento, regeneração e movimento, talvez dos vários elementos que compõem o mundo, como a água e o sol, e onde se interliga o infra-mundo com o mundo terrestre e o celeste.

Esta presumível vinculação com o nascimento, com a circularidade, com o tempo cíclico e com as águas leva-nos a interpretar esta sociedade como portadora de uma cosmogonia onde importam o ciclo das estações, o ciclo da água e, por consequência, o ciclo da vida, fundamental em grupos humanos com esperança

DAS GRAFIAS ÀS INTERPRETAÇÕES

de vida reduzida e onde o modo de subsistência dependia, em grande parte, de atividades, também elas cíclicas, como a agricultura de sequeiro, a pastorícia, a caca e a recoleção.

Talvez por isso este espaço cerimonial, composto por quatro afloramentos gravados, tenha sido repetidamente frequentado, na sua longa existência. Tal é particularmente visível na Breia 1, o lugar mais próximo do vale e com capacidade para uma grande audiência. Aqui as composições circulares foram gravadas e regravadas, em diferentes momentos, provavelmente no âmbito de cerimónias de grande significância colectiva e de carácter cíclico, entre outras ações que o registo arqueológico não possibilita interpretar.

A longevidade deste espaço cerimonial que se crê abarcar não só os *loci* gravados mas a totalidade do Monte de São Silvestre, ou pelo menos as suas vertentes este e sudeste, relacionar-se-á, não só com a "marcação física" de determinados afloramentos, como com diferentes mecanismos de transmissão da memória oral que perpetuam as "estórias" e os sentidos nelas incorporados. Talvez por esse motivo, algumas grafias mais figurativas, que se consideram já da proto-história e que indiciam novas ordens do mundo, foram frequentemente gravadas em afloramentos com imagéticas antigas (Breia 1 e Breia 9) ou na sua proximidade (Breia 4, Breia 5 e Breia 6), funcionando, provavelmente, como mecanismos de apropriação e de reinterpretação da cosmogonia dos antepassados.

Em termos topográficos, apesar de coincidirem com os patamares do monte de mais fácil circulação e onde, ocorre, também, a Arte Atlântica, atingem cotas mais perto do cume. Tal é o caso da Breia 8, o único *locus* onde os equídeos se gravaram em associação com um quadrado reticulado, interpretado por Bettencourt (2016)⁴ como ideograma representativo da entrada ou saída de espaços e/ou estádios liminares, onde habitariam determinados espíritos⁵.

A representação de determinados equídeos semi-naturalistas parece estar vinculada com cultos relacionados com o ciclo solar. Tal é o caso da Breia 4 onde um equídeo se dirige para o topo do monte e para sudoeste, ou seja em direção ao soltícia de inverno. O mesmo se pode admitir a partir da orientação dos equídeos dos paineis 1 e 2 da Breia 5, e da sua associação com um círculo segmentado, no painel 2. Analisando com mais pormenor este painel verifica-se que, no conjunto dos equídeos, há, nitidamente, dois grupos distintos. Um, composto por diversos animais que se dirigem para este e nordeste (pontos cardeais que correspondem ao nascer do sol no solstício de verão e nos equinócios), intervalados por um círculo segmentado, cujos raios se orientam para o nascer e pôr do sol nos solstícios e nos equinócios. E o outro, composto por diversos equídeos que se orientam para noroeste, ou seja, para o pôr do sol no solstício de verão.

- 4. Comunicação apresentada no âmbito do Colóquio *Images in Stone*, ocorrido em Braga, em 2016 e que integrará num livro sobre arte rupestre, em preparação.
- 5. Subentende-se aqui a premissa de que se está face a comunidades inseríveis no âmbito do animismo primitivo, onde o mundo seria eivado de propriedades e de espíritos.

Neste grupo, dois destes animais, um macho e uma fêmea, dirigem-se para uma fenda do afloramento, como se entrassem no interior da terra ou na escuridão do ocaso (Bettencourt, no prelo). Também o equídeo macho da Breia 6 tem orientação para sudeste, ou seja, para o nascer do sol no solstício de inverno, enquanto os da Breia 8 se orientam para nordeste e para noroeste (ocaso nos diferentes solstícios).

Perante este conjunto de dados, parece possível equacionar a hipótese de que se está perante composições que materializam diferentes momentos da jornada solar, no âmbito de uma mitologia solar em que os equídeos assumem especial relevância.

A simbologia solar parece, ainda, materializar-se num quadrúpede esquemático (cervo?) do painel 7 da Breia 1, em posição periférica aos restantes motivos de Arte Atlântica que, orientando-se para nordeste, parece transportar o sol no dorso. Trata-se de um motivo que se associa a um círculo que lhe fica a noroeste, a um círculo segmentado a sul e a um pé calçado, também orientado para nordeste, como se indiciasse uma caminhada ou uma peregrinação.

Ao ser assim, teriam existido, durante a Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro, na área costeira do NO Ibérico, representações de uma mitologia solar onde são intervenientes equídeos, eventualmente cervídeos e símbolos solares com paralelos noutros lugares do mundo atlântico (Bettencourt, 2017b).

Na Breia 1, 5 e 9 há outros equídeos muito esquemáticos, isolados ou em grupo, e que se afastam dos já referidos. Se alguns parecem ter orientação vinculada com o ciclo solar, outros apontam para narrativas onde são intervenientes cenas de equitação, de parada, de malabarismo, de caça ou guerra ritualizada, por vezes com o auxílio de lanças e, talvez, de arcos, materializando histórias de heróis míticos ou reais, de ritos de passagem ou de atividades hoplíticas, já da Idade do Ferro.

Também não se descarta a possível relação desta área de concentração de representações de quadrúpedes com atividades rituais, semelhantes às existentes nos atuais curros da Galiza (Santos-Estévez, 2015a, 2015b).

A alteração do sentido do lugar verificou-se de novo durante o cristianismo, momento em que se gravam inúmeros cruzes latinas e gregas, em diferentes painéis da Breia 1, chegando um dos cruciformes a sobrepor-se a um círculo segmentado. O mesmo significado poderá atribuir-se à construção, na vertente alta do monte, durante os séculos XIV ou XVI, da primitiva capela dedicada a São Silvestre, um santo taumaturgo com capacidades terapeutas, principalmente de animais domésticos que, em data de romaria, atraía pessoas e animais oriundas de dezenas de quilómetros em redor [Fig. 44].

A importância científica e religiosa do Monte de São Silvestre merece, por parte das autoridades que tutelam a cultura, maior

LUGARES GRAVADOS NO ESPAÇO E NO TEMPO

Fig. 44 - Capela atual de São Silvestre.



atenção no sentido de se preservar o que resta do património e da história ancestral desta orografia, no contexto do Alto Minho.

De salientar que os incêndios têm contribuído para a destruição dos afloramentos gravados e para o desaparecimento dos motivos aqui inscritos há milhares de anos. Espera-se que sejam alvo de restauro e de consolidação para que possam ser usufruídos e valorizados em termos turísticos, em beneficio do desenvolvimento local e das gerações futuras.

ALMEIDA, C.A.B. (1990). *Proto-História e Romanização na Bacia Inferior do Lima*, Estudos Regionais, 7/8, Viana do Castelo: CER.

ALVES, L.B. (2003). The Movement of Signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia. Reading: Universidade de Reading (Tese de Doutoramento).

ALVES, L.B. (2009). O sentido dos signos. Reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciar no Norte de Portugal", in R. Balbín Behrmann (ed.), Arte Prehistórico al Aire Libre en el Sur de Europa, Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, 381-490.

ALVES, L.A.; REIS, M. (2017). Tattooed landscapes. A reassessment of Atlantic Art distribution, research methods and chronology in the light of the discovery of a major rock art assemblage at Monte Faro (Valença, Portugal), *Zephyrus* 80: 49–67.

ALVES, R.; LEAL GOMES, C. (2015). Património mineiro da Serra de Arga – Minho, *Geonovas*, 28: 147–182.

BAPTISTA, A.M. (1983). O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa), *Arqueologia* 8: 57-69.

BAPTISTA, A.M. (1999). No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BETTENCOURT, A.M.S. (2005). Gravados rupestres ao aire libre do denominado "Grupo Galaico" ou do "Grupo I do Noroeste" (Norte de Portugal), in J. M. Hidalgo Cuñarro (coord.), Arte e Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía, vol. 1, Vigo: Nova Galicia Edicións, S.L., 161–165.

BETTENCOURT, A.M.S. (2009). A Préhistória do Minho: do Neolítico à Idade do Bronze, *in P. Pereira* (coord.), *Minho. Traços de Identidade*, Braga: Conselho Cultural da Universidade do Minho, 70–113.

BETTENCOURT, A.M.S. (2013a). The rock engravings of Breia, Cardielos, Viana do Castelo/As gravuras rupestres da Breia, Cardielos, Viana do Castelo, *in* A.M.S. Bettencourt. *The Prehistory of the Northwestern Portugal* / A Pré-história do Noroeste de Portugal, vol. 2, Braga/Tomar: CEIPHAR/CITCEM (E. bilingue), 207–215.

BETTENCOURT, A.M.S. (2013b). *The Prehistory of the Northwestern Portugal* / A Pré-história do Noroeste de Portugal, vol. 2, Braga/Tomar: CEIPHAR/CITCEM, (E. bilingue).

BETTENCOURT, A.M.S. (2014a). Breia 1, in A.M.S. Bettencourt e E. Abad-Vidal (eds.), Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste – CVARN, (www.cvarn.org).

BETTENCOURT, A.M.S. (2014b). Breia 2, *in* A.M.S. Bettencourt e E. Abad-Vidal (eds.), *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste – CVARN*, (www.cvarn.org).

BETTENCOURT, A.M.S. (2014c). Breia 3, in A.M.S. Bettencourt e E. Abad-Vidal (eds.), Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste – CVARN, (www.cvarn.org).

BETTENCOURT, A.M.S. (2017a).
Pos-Palaeolithic rock art of northwestern Portugal: an approach, in A.M.S.
Bettencourt, M. Santos-Estevez, H.A.
Sampaio, D. Cardoso (eds.), Recorded Places,
Experienced Places. The Holocene Rock Art
of the Iberian Atlantic Northwest, British
Archaeological Reports – BAR, Oxford:
BAR Publishing, 123–149.

BETTENCOURT, A.M.S. (2017b). Gravuras rupestres do noroeste português para além das artes atlântica e esquemática, *in J. M. Arnaud e A. Martins* (eds.), *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1039–1053.

BETTENCOURT, A.M.S. (no prelo). Equídeos nos montes do noroeste português. Narrativas míticas gravadas nas rochas, in A. Pereira (ed.), O Garrano: Contributos da Investigação Histórico-Arqueológica, Antropológica e Equestre para a sua Valorização, Viana do Castelo: Câmara Municipal, 135–148.

CARDOSO, D. (2015). Arte Atlântica do Monte de S. Romão (Guimarães) no Contexto da Arte Rupestre Pós-Paleolítica da Bacia do Ave – Noroeste Português, Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Tese de Doutoramento).

Carta Geológica de Portugal na escala 1/50.000, 5-A, Viana do Castelo (1970). Lisboa. Instituto Geográfico e Cadastral.

Carta Militar de Portugal na escala 1/25.000, Folha 40 (Viana do Castelo). (1997). Série M 888. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

COSTA, H.; COSTA, R.A. (1999). Tendências evolutivas da piedade popular: modelos de secularização e de clericalização, *Cultura: Revista de História* e Teoria das Ideias 11: 401-432.

FERNANDES, J.O; BETTENCOURT, A.M.S.; COMENDADOR REY; ALVES, M.I.C. (2011). O depósito metálico da Bandeira, Viana do Castelo (Norte de Portugal) no contexto dos depósitos do Bronze Médio do curso inferior do Lima. Estudos do Quaternário 7: 31–37.

GONZÁLEZ RUIBAL, G. (2006). Galaicos. Poder y comunidade n el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C. – 50 d.C.),

BIBLIOGRAFIA

vol. 1. Brigantium 18. A Coruña: Museo Arqueolóxico e Histórico da Coruña.

LOUREIRO, L. (2006). O santuário rupestre do Penedo da Moura (Nogueira, Viana do Castelo). *Al-Madan 14*. (IV – Adenda Electrónica): 1–6. http://www.almadan.publ.pt/AdendaElectronica%20 (geral).htm

LOUREIRO, L. (2014). Penedo da Moura/Chão dos Três Soldados, *in A.M.S.* Bettencourt e E. Abad-Vidal (eds.), *Corpus Virtual de Arte Rupestre do Noroeste – CVARN*, (www.cvarn.org).

MOREIRA, J. (2018). Podomorfos na Fachada Ocidental do Noroeste de Portugal, Entre os Rios Douro e Minho. Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

MOREIRA, J.; BETTENCOURT, A.M.S. (no prelo). Depictions of shoeprints in North-western Portugal, *Heritage*, 2 (1).

NEVES, L.Q. (1965). Os castros do Norte de Portugal. *Lucerna* 4: 172–180.

OLIVEIRA, N. (2018). Contributos para o estudo do povoamento da Idade do Ferro no rio Lima: resultados das escavações dos sectores A a D do povoado de Terronha, Viana do Castelo (Norte de Portugal), Férvedes, 9: 87-96.

OLIVEIRA, N. (no prelo). The Iron Age Settlement of Terronha (Viana do Castelo, Northwestern Portugal): Analysis of Ceramic and Lithic Materials in Context, Heritage 2 (1).

PAÇO, A.; QUESADO, A.P. (1956). Digressões arqueológicas pelo Alto Minho, *Arquivo do Alto Minho*, 6 (2): 168–179.

QUEIROGA, F.M.V.R. (1999). *Breia,* EIA-IC28 (Viana do Castelo/Estorões). IPA (Relatório Policopiado).

QUEIROGA, F.M.V.R. (2000). Castro da Terronha, EIA – IC28 (Viana do Castelo/Estorãos). IPA (Relatório Policopiado).

SÁ, S. (2015). Turismo Arqueológico: um Projeto de Valorização da Arte Rupestre no Vale do Lima, Braga: Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

SANTOS-ESTÉVEZ, M. (2012). Da "Arte Atlântica" no contexto europeu: conceitos, problemáticas e perspectivas – unha visión diacrónica da Arte Atlântica dentro dun novo marco cronolóxico, in M. J. Sanches (coord.), Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologias de Registo. 1º Mesa Redonda [Trabalhos de Arqueologia 54], Lisboa, 226-235.

SANTOS-ESTÉVEZ, M. (2015a). Deer and horses in Atlantic rock art: a structural analisys of iconography in landscape. Time and Mind, 8 (3): 237–255. SANTOS-ESTÉVEZ, M. (2015b). Ciervos y caballos en el arte rupestre atlántico: una interpretación etnoarqueológica, in H. Collado Giraldo e J.J. García Arranz (eds.), XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015: Symbols in the Landscape: Rock Art and its Context [ARKEOS 37], Tomar: Instituto Terra e Memória, 2615–2629.

SANTOS-ESTÉVEZ, M.;
BETTENCOURT, A.M.S. (2017).
O conjunto de gravuras rupestres de Santo Adrião (Caminha, Portugal). Embarcações, armas, cavalos e ex-votos. *in* J. M. Arnaud e A. Martins (eds.), *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1055–1070.

TEIXEIRA, C.; MEDEIROS, A.C; COELHO, A.; PINTO, A.V. (1972). Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50.000: notícia explicativa da folha 5-A, Viana do Castelo: estudos petrográficos, Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal

ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O.V. (1955). Sur un plaque anthropomorphe en cuivre dans la mine d'étain de "Folgadoura". *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 36: 49–50.

Agradecimentos

Ana M. S. Bettencourt agradece à FCT a bolsa de investigação SFRH/BSAB/114296/2016 para desenvolvimento do projeto *Rock Art of the North-western Iberia, Liminality and Heterothopy,* que se mantém, apoiado pelo Lab2PT e no âmbito do qual desenvolveu esta investigação. Manuel Santos-Estévez agradece à FCT a bolsa de pos-doutoramento SFRH/BPD/93700/2013, no âmbito do qual desenvolve o projeto *Paisagem e Representação do Poder na Pré-história Recente: Arte Atlântica e Estátuas-Menir.*

Ambos os autores agradecem à união de freguesias de Cardielos e de Serraleis, concelho de Viana do Castelo e ao Centro Social e Cultural da Paróquia de Cardielos, todo o apoio prestado no decorrer dos trabalhos.

Um especial reconhecimento vai para os senhores Cándido Verde e José Alvarez que nos deram a conhecer algumas das gravuras rupestres da Breia, descobertas após um grande incêndio ocorrido no local.

O nosso apreço vai, também, para César Parcero Oubiña do INCIPIT - CSIC pela ajuda na realização de várias fotogrametrias.

Por fim agradece-se a Hugo Aluai Sampaio, doutor em Arqueologia; a Aléssia Barbosa e Henrique Cachetas, alunos de Mestrado em Arqueologia, e a Ana Raquel Gonçalves, Ana Raquel Salgado e Cláudia Barros, alunas do Curso de Arqueologia da Universidade do Minho que participaram nos trabalhos.

Ficha técnica

A Geografia Mágica do Monte de São Silvestre através da Arte Rupestre

Autores: Ana M. S. Bettencourt, Manuel Santos-Estévez

Editado por: Lab2PT

Coleção Paisagens, Património & Território / Investigação Landscapes, Heritage and Territory Collection / Research

Impressão e acabamento: Empresa Diário do Porto

Tiragem: 300 exemplares ISBN: 978-989-8963-22-2 Depósito legal: 466293/20

Lab2PT www.lab2pt.net

Instituto de Ciências Sociais Universidade do Minho Campus de Gualtar 4710-057 Braga

Escola de Arquitetura Universidade do Minho Campus de Azurém 4800-058 Guimarães

© 2018. Lab2PT e autores









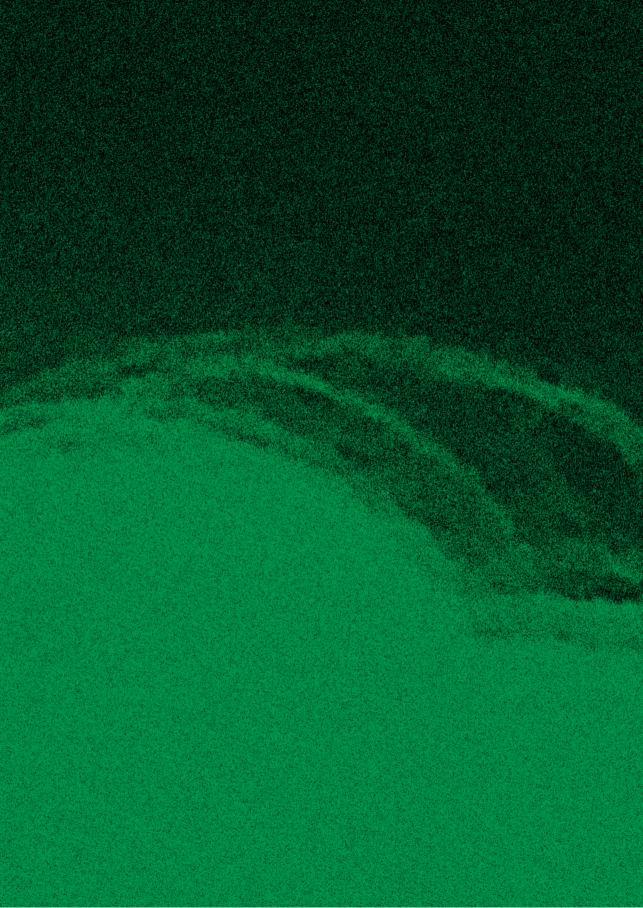
Este trabalho tem o apoio financeiro do Projeto Lab2PT - Laboratório de Paisagens, Património e Território - AUR/04509 com o apoio financeiro da FCT/MCTES através de fundos nacionais (PIDDAC), e o cofinanciamento do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER), ref.^a POCI-01-0145-FEDER-007528, no âmbito do novo acordo de parceria PT2020, através do COMPETE 2020 - Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI).











A Coleção Paisagens,
Património e Território
promove a publicação de
textos nas linhas Investigação,
Ensaios e Catálogos, sob
a chancela do Lab2PT
com objetivo de auxiliar
à circulação e divulgação
de produção científica de
excelência dentro das áreas
abrangidas pela unidade
de I&D - Arqueologia,
Arquitetura e Urbanismo,
Design, Geografia, Geologia,
História e Artes Visuais.

Este livro resulta do trabalho de investigação realizado no conjunto de onze sítios gravados nas vertentes este e este-sudeste do Monte de São Silvestre, concelho de Viana do Castelo.

A partir do inventário das gravuras rupestres tecem-se considerações sobre aos lugares gravados no espaço e no tempo e fazem-se interpretações sobre o valor social e simbólico das diferentes imagéticas (Arte Atlântica e Arte Figurativa) no contexto cronológico-cultural em que se inserem.

Defende-se a hipótese de que este monte terá funcionado como lugar de significação ancestral na longa duração, com início na Pré-história Recente e com manifestações na Proto-história, materializando diferentes cosmogonias. A sua importância simbólica terá perdurada na imagética popular que o cristianiza de modos distintos e em diferentes momentos, sendo ainda hoje, lugar de manifestações religiosas onde humanos e animais são alvo de proteção divina.